



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

HÉLDER FERREIRA DE SOUSA FERNANDES

**ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: REPENSANDO O ATAQUE DAS TROPAS DE
LAMPIÃO A CIDADE DE SOUSA PB NO ANO DE 1924**

CAJAZEIRAS-PB

2018

HÉLDER FERREIRA DE SOUSA FERNANDES

**ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: REPENSANDO O ATAQUE DAS TROPAS DE
LAMPIÃO A CIDADE DE SOUSA PB NO ANO DE 1924**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), *campus* Cajazeiras como requisito de avaliação parcial para conclusão do curso de História. Sob a orientação da Professora Dra. Silvana Vieira de Sousa

CAJAZEIRAS-PB

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras – Paraíba

F363e Fernandes, Hélder Ferreira de Sousa.

Entre memória e história: repensando o ataque das tropas de lampião a cidade de Sousa PB no ano de 1924 / Hélder Ferreira de Sousa Fernandes.
- Cajazeiras, 2018.

66f.: il.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vieira.

Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2018.

HÉLDER FERREIRA DE SOUSA FERNANDES

**ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: REPENSANDO O ATAQUE DAS TROPAS DE
LAMPIÃO A CIDADE DE SOUSA PB NO ANO DE 1924**

Aprovado em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Silvana Vieira de Sousa (Orientadora)
Universidade Federal de Campina Grande - CFP

Profa. Ms. Nadja Claudinale da Costa Claudino
Rede Estadual de Ensino - UFCG

Prof. Ms. Francinaldo de Sousa Bandeira
Universidade Federal de Campina Grande - CFP

Prof. Ms. Isarel Soares de Sousa (suplente)
Universidade Federal de Campina Grande - CFP

CAJAZEIRAS – PB

2018

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me dado forças e iluminado meu caminho para que pudesse concluir mais uma etapa da minha vida.

Em segundo lugar agradeço aos meus pais e minha família, que contribuíram para a minha vitória.

Aos meus amigos **Josefa Cátia Mariano de Lima, José Abrantes Gadelha (Gadelhinha), Samuel Filipe dos Santos, Francisco de Sousa Silva Júnior, Dagmar Queiroga de Oliveira Junior, Mauricélia Francisca de Sousa, Ildomar Estrela da Silveira, Ramon Soares da Costa, Valdemiro de Souza Carolino Junior, Danilo de França Virginio, Raimundo Alves Dantas Netto e Ramon**, meu sincero carinho e gratidão a todos vocês que se mantiveram presentes durante essa importante etapa da minha vida, pois cada um teve uma grande parcela de contribuição.

Não esquecendo os meus mestres, que foram amigos, companheiros, que nos guiaram e me ajudou longa jornada que agora se concretiza. Em especial a minha orientadora **Dra. Silvana Vieira de Sousa**.

Enfim, a todos que se fizeram presentes nessa jornada, onde inicia aqui um longo processo para outros projetos. Obrigada à todos.

Essa conquista se dá primeiramente a Deus, princípio, meio e fim de todas as coisas.

Como também aos que amo, aos meus pais e demais familiares, grandes amigos e mestres por nos auxiliaram nessa tarefa árdua e difícil.

Dedicamos.

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de sua identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência”. (Antônio Nóvoa)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo compreender como se deu o ataque do bando de Lampião a cidade de Sousa Paraíba no dia 27 de Julho de 1924 levando em consideração o personagem que mais se destaca nesse fato, o Francisco Pereira Dantas (Chico Pereira), natural da Vila de Nazaré hoje a cidade de Nazarezinho. Chico Pereira foi integrante do cangaço entre 1922 e 1928 e por questões de vingança entra na cidade de Sousa trazendo consigo parte do bando de Lampião. O cangaço foi esse fenômeno social que modificou de forma singular a vida dos nordestinos em meados já do século XVIII e ápice na segunda metade do século XIX e início do XX tendo como personagens muito conhecidos e importantes para a história desse fato como o cangaceiro mais conhecido de todos, Lampião. História e memória se apresentam, nesse trabalho sob a perspectiva da História Oral visto que a mesma contribui através das histórias passadas de geração em geração através de narrativas ou noções dos fatos. Além da memória trabalhamos como a historiografia sobre a temática geral do cangaço além da bibliografia existente sobre o ataque. Constatamos que a vingança com algo intrínseco na sociedade sertaneja mobilizou o homem desse período a resolver as contendas sociais por si próprio, tendo sido o cangaço um meio para tal como procuramos mostrar na história do ataque à cidade de Sousa, objeto desse estudo.

Palavras-chave: Sousa; Cangaço; Ataque; Memória.

ABSTRACT

The objective of this work is to understand how the attack of the Lampião bunch occurred in the city of Sousa Paraíba on July 27, 1924, taking into account the most outstanding figure in this fact, Francisco Pereira Dantas (Chico Pereira), natural of the Village of Nazareth today the city of Nazarezinho. Chico Pereira was a member of the gang between 1922 and 1928 and for reasons of revenge enters the city of Sousa bringing with him part of the band of Lampião. The cangaço was this social phenomenon that changed in a unique way the life of the northeasterners in the middle of the eighteenth century and apex in the second half of the nineteenth century and beginning of the twentieth having as characters well known and important to the history of this fact as the best known cangaceiro of all, Lampião. History and memory present themselves in this work from the perspective of Oral History since it contributes through the stories passed from generation to generation through narratives or notions of the facts. Beyond memory we work as the historiography on the general theme of cangaço besides the existing bibliography about the attack. We find that revenge with something intrinsic in the sertaneja society mobilized the man of that period to solve the social disputes by himself, and the cangaço was a means for what we tried to show in the history of the attack on the city of Sousa, object of this study.

Keywords: Sousa; Cangaço; Attack; Memory.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Lampião, Maria bonita e seu bando.....	35
FIGURA 02: Cidade de Sousa- PB.....	37

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I: AGITAÇÕES POLITICAS E SOCIAIS, PARAIBA EM FINS DO SÉCULO XIX E INICIO DO XX	15
1.1 Latifúndios e Monocultura Agro exportadora.....	15
1.2 Meio político e social do sertão paraibano: Oligarquia e poder	17
1.3 Trabalhadores: meeiros terceiros, arrendatários: Sistema de Exploração	21
1.4 Agravantes da crise social: Secas e o Cangaço	24
CAPÍTULO II: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DO CANGAÇO	27
2.1 O cangaço no sertão nordestino	27
2.2 Lampião e seu bando.....	30
2.3 O cangaço na Paraíba e a Cidade de Sousa	35
CAPÍTULO III: ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: REPENSANDO O ATAQUE DAS TROPAS DE LAMPIÃO A CIDADE DE SOUSA PB	39
3.1 Coronéis, Cangaceiros, Vingança: antecedentes do ataque	39
3.2 O ataque segundo o livro: Histórias do Cangaço o saque de Sousa Paraíba	42
3.3 Consequências do ataque à cidade de Sousa	44
3.4 A política local como Personagens do ataque	48
3.5 História Oral, uma fonte do saber.	50
3.6 O ataque à cidade de Sousa: vingança sim, o código de honra do Nordeste.....	56
4 CONCLUSÃO.....	61
5 REFERÊNCIAS	64
ANEXOS	

1. INTRODUÇÃO

Muito se tem falando em livros, cordéis, em blogs e em conversas informais sobre o Cangaço, movimento social surgido em meados da segunda metade do século XIX, embora tenha relatos seus ainda no século XVIII. Certo é, que não compreendemos qual data específica surgiu o mesmo, sabemos que modificou a vida dos habitantes das terras nordestinas em todo o período que foi praticado por homens armados que ameaçavam, saqueavam, matavam e roubaram.

Mas, para o aparecimento do cangaço, alguns fatores foram de suma importância. O nordeste brasileiro se viu acuado por alguns fatores que acabaram por modificar a vida das pessoas que ali habitavam, um desses fatores mais importantes foram grande número de revoltas praticadas pelos sertanejos em busca de uma vida mais digna.

O monopólio da terra foi responsável segundo Facó (1972) por grande número das revoltas que abalaram o início do século XIX, ainda conforme o mesmo autor, esse sistema prevalecia desde os tempos coloniais. Esse sistema privilegiava os ricos senhores de terras, enquanto esses possuíam um grande número de terras usando-a para sua benfeitoria utilizando um único produto, forçando a terra e danificando aquele solo, milhares de trabalhadores eram explorados.

Esses mesmos trabalhadores não tinham uma vida de qualidade, devido ao fato de tudo ser feito para o bem dos senhores de terras, enquanto esses sabiam ler, escrever, se relacionar e entender de leis, os trabalhadores não sabiam e conforme Facó (1972), isso gerou um Nordeste atrasado em todos os fatores cruciais da sociedade, milhares de analfabetos, ignorância com relação a outras nações e uma fé desenfreada, acreditando em seitas que surgiam e que pregavam um mundo melhor se estes estivessem inseridos em seu meio.

Mello (2002), nos fala do monopólio na Paraíba e nos mostra que esse foi o grande mal para a província na época. A criação das companhias de comércio que eram estatais só fizeram atrasar ainda mais a Paraíba, visto que tanto a Paraíba como Pernambuco compravam caro seus produtos, mas tinham que vender barato acabando por gerar um comércio fadado ao fracasso, pois as pessoas não podiam muitas vezes adquirir os produtos que eram colocados à venda na sociedade.

Outro fator preponderante foi o surgimento das Oligarquias do Coronelismo, uma forma de mandonismo local que controlava a vida dos habitantes da região

nordestina, sobretudo no sertão. O coronel era a figura central de uma determinada localidade, ele era conhecedor e se apoderava da política do lugar em que habitava dando aos sertanejos pouca liberdade, controlando suas vidas; as pessoas se dividiam em gente do coronel fulano ou não, aqueles que estavam sob o comando do coronel tinham muitas das vezes mais privilégios que os outros que não eram gente sua.

Fausto (2006) vai nos dizer que esse sistema coronelista se desenvolveu durante a Primeira República, mas teve suas origens ainda no Império, ele ainda nos diz que esse sistema é específico do Brasil. Mello (2002), afirma ainda que esse sistema era conhecido por estarem nas mãos de poucas pessoas, os familiares do coronel que estava no poder.

Outro fator determinante para o surgimento do cangaço foram às secas, essas grandes responsáveis pela fome, miséria, dor e mortes ao longo dos anos. As secas junto com o Cangaço foram também as grandes responsáveis pelas crises sociais que abalaram o Nordeste em fins do século XIX e no princípio do XX.

Grandes secas aconteceram no Nordeste, mais no sertão ao longo dos anos e cada vez que isso acontecia, à vida do sertanejo padecia. Uma das secas mais conhecidas e famosas foi a de 1877-1879 que matou milhares de pessoas e animais de fome, gerando revoltas nos sertanejos, pois o poder público estava mais preocupado com seu bem estar e não com a população mais pobre. Em vez de fazerem algo mais concreto aproveitavam-se desses momentos para persuadir a população, pois Silva (2012) nos diz que discursos políticos eram realizados e assim fazer crer que essa seca foi a maior e mais massacrante de todas.

A economia e a política eram fatores essenciais para o bem estar da população, mas a chuva também era então se ela faltava o mal estar estava gerado, as revoltas fossem pela fé ou pelas armas estava para acontecer, e foi nesse momento que os cangaceiros entraram em cena de forma categórica e deixaram na História sua marca.

A violência foi de fato um fator preponderante na vida sertaneja, pois a mesma se encontra presente em uma sociedade onde os direitos do povo são os mínimos possíveis, onde o coronel manda e desmanda como quer, onde as secas assolam a vida da região e onde o cangaço encontrou um ambiente propício para crescer. O sertão era uma terra distante, muitas das vezes de leis próprias, onde as pessoas sofriam os efeitos da estrutura social, econômica e política que as cercava.

Diante de um meio sofrido e quase sem esperanças, muitos homens a princípio, pois depois viriam às mulheres, ingressaram no cangaço em busca de uma vida de

aventuras ou mesmo para praticar vinganças, fosse por qualquer motivo, viver a vida de cangaceiro era para pessoas corajosas que não temiam a adversidade, e assim era o povo sertanejo.

O tipo de cangaço se diferenciava pelo chefe do bando, cada um tinha motivações e interesses diferentes de viver aquela vida. Mello (2004) nos diz que existiram três tipos de cangaço, aquele que era praticado como seu meio-de-vida, outro como refugio fugindo de alguma coisa ou de alguém e o de vingança que era praticado por aqueles que tinham motivos para se vingar de alguém. De todos os chefes cangaceiros, o que mais se destacou na imprensa e no imaginário da época foi Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião.

O cangaceiro foi se transformando ao longo dos tempos, adquirindo novas maneiras de viver essa vida diferenciada, dessa forma outro destaque para Lampião que modificou de forma significativa o cangaço com seus métodos de ataque, com suas vestimentas e, sobretudo com a entrada das mulheres no bando que antes era composto somente por homens. Lampião foi o maior representante do cangaço meio-de-vida que foi praticando especialmente na segunda metade do século XIX e o início do XX.

Lampião viu sua fama crescer de forma absurda no sertão, saindo na imprensa de todo o Nordeste os atos praticados em busca de se manter e viver do cangaço, ele ficou conhecido por ser um homem violento que perseguia seus inimigos. Os homens viam em Lampião a chance de uma nova vida, longe das misérias que estavam acostumados a sofrer com as autoridades que se importavam mais consigo mesmas que com o povo. Dessa forma Lampião foi de cidade em cidade mostrando sua força e seu poder de homens de armas, e assim em Julho de 1924, seu bando veio de encontro à cidade de Sousa na Paraíba acompanhando o sertanejo Chico Pereira no comando ao ataque.

Sousa da década de 1920 era uma cidade conhecida do alto sertão nordestino, cidade possuidora de indústrias onde ricas famílias possuíam casas. Sousa como outras cidades tinha nesses homens de riqueza seus representantes políticos. Na ocasião, por causa de uma briga pelo poder do comércio da região, o pai de Chico Pereira foi assassinado, gerando dessa forma uma trama política onde algum tempo depois culminou no ataque a cidade. Uma vingança arquitetada ao que tudo indica pelo próprio Chico Pereira cuja abordagem nesse trabalho tivemos a preocupação de cortejar a versão mais conhecida do ocorrido registrada na obra *Histórias do Cangaço O saque de Sousa Paraíba (27 de Julho de 1924)* de autoria de Bismarck Martins de Oliveira assim

como perceber através da memória e uso da História Oral como esse episódio é lembrado pelos cidadãos sousenses. Suas falas contribuíram para construir a ideia de um Chico Pereira vingador, que foi capaz de arquitetar um plano de vingança contra seus inimigos políticos, ideia que também é presente nas fontes bibliográficas, que em sua grande maioria nos mostram Chico Pereira como maior causador daquele trágico dia, tanto para os cidadãos sousenses que vivenciaram o fato, como para nossos entrevistados visto que sua vingança acabou por prejudicar de forma física e psicológica a memória daqueles sertanejos. O ataque ficou marcado na história da cidade de Sousa assim como na da Paraíba mostrando o poder do cangaço, os lanços de honra do Nordeste, o vingar-se como forma de justiça praticada pelas próprias mãos.

Assim, esse trabalho se apresenta com a seguinte estrutura: um primeiro capítulo intitulado agitações políticas e sociais, Paraíba em fins do século XIX e início do XX, que nos vai apresentar todo um contexto de lutas, misérias, poder, revoltas, acontecimentos marcantes que foram essências para a história do Brasil e do Nordeste.

Um segundo capítulo intitulado: história e historiografia do cangaço que vai nos apresentar todo um contexto econômico social natural acerca de como se encontrava o Nordeste quando do intensificar-se do cangaço e de como esse movimento modificou a vida de milhares de pessoas assim como a própria história dessa região.

Um terceiro capítulo intitulado entre memória e história: repensando o ataque das tropas de Lampião a cidade de Sousa PB, que vai nos fazer entrar na cidade de Sousa no dia 27 de julho de 1924 e tentar dar respostas para aquele acontecimento que marcou a vida de muitas pessoas. A história oral e a bibliografia sobre o assunto nos darão respostas mais concretas.

Nossa intenção é apontar espaços para mais pesquisas sobre o tema trazendo dessa forma mais conhecimento sobre a cidade de Sousa, do cangaço e do acontecimento em si.

CAPITULO I: AGITAÇÕES POLITICAS E SOCIAIS, PARAIBA EM FINS DO SECULO XIX E INICIO DO XX.

1.1.Latifúndio e Monocultura Agro exportadora

O Nordeste brasileiro viu intensificar-se em suas terras no final do século XIX e início do XX, muitas revoltas que culminaram em acontecimentos marcantes para a história do país e da população empobrecida. Dessa forma vamos compreender nesta discussão que ora iniciamos como a estrutura econômica e social contribuiu para o surgimento ou nascimento dessa agitação popular contra o sistema que os rodeava.

Rui Facó em seu livro *Cangaceiros e fanáticos* (1972) fala de uma serie de crises que abalaram o interior do país, nesse tempo marcante de transição entre o final do século XIX e o início do XX. Para ele essas crises se deram graças ao sistema de monopólio das terras brasileiras e que esse problema remonta ainda ao tempo da colônia. Em uma de sua fala nos diz que:

As condições internas que os geraram vamos encontrá-las, precisamente e antes de tudo, no monopólio da terra, cujas origens remontam aos tempos coloniais, com a divisão do Brasil em capitanias hereditárias e a subsequente concessão das sesmarias, as quais deram origem aos latifúndios atuais. Estes constituem, de há muito, ao lado do domínio imperialista em ramos básicos da economia do País, um dos dois grandes obstáculos ao nosso pleno desenvolvimento econômico, social, político e cultural. (FACÓ, 1972. p. 08).

Conforme Facó (1972), esse monopólio da terra que marcou a história brasileira em sua formação inicial foi o fator determinante para que o desenvolvimento tecnológico no Brasil e principalmente no Nordeste fosse atrasado com relação aos outros países e dessa forma gerasse revoltas nos trabalhadores e mais pobres do sertão. De forma categórica, assim se expressa quanto ao sertão.

Foi ainda o monopólio da terra que nos reduziu ao mais lamentável atraso cultural, com o isolamento, ou melhor, o encarceramento, em massa das populações rurais na nossa hinterlândia, e que chamamos de Sertão, estagnada por quatro séculos. Analfabetismo quase generalizado. Ignorância completa do mundo exterior, mesmo o exterior ao sertão, ainda que nos limites do Brasil. A única forma de consciência do mundo, da natureza, da sociedade, da vida, que possuíam as populações interioranas, era dada pela religião ou por seitas nascidas nas próprias comunidades rurais, variantes do catolicismo. (FACÓ, 1972. p. 09).

O autor nos mostra um atraso completo em quase todas as áreas relacionadas ao sertão nordestino, não podemos negar que não existiram e que foram muito fortes. Tudo isso está relacionado com esse monopólio, com essa monocultura agro exportadora, onde uma pessoa de posses trabalhava com um único produto na terra, danificando com o tempo aquele solo e também explorando milhares de pobres trabalhadores. A maioria da população brasileira e da região nordestina sofria com a manutenção de terras nas mãos de poucos.

Outro estudioso da questão Mello (2004) nos fala sobre o conhecer as terras do Nordeste, o tomar posse delas, foi símbolo de fertilidade para o colonizador que encontrou nelas meios de possuir riquezas; essas terras eram abundantes e mostrou para os interessados o processo econômico que aqui reinaria por muito tempo. MELLO (2004, p. 41), vai chamar esse processo fertilizador de “linhas mestras de um processo econômico de vocação autêntica senão as próprias bases da nossa estrutura social”. Dessa forma podemos perceber que essa estrutura social reinante foi à base do trabalho e da economia do nordeste no início da colonização.

Na Paraíba, o monopólio começou segundo Mello (2002A), quando da conquista de toda base territorial dessa parte do Nordeste. No século XVIII, foi criada companhias de comércio porque se enxergava no reino todo um atraso cultural e econômico. Ainda conforme Mello (2002A), isso não foi bom para a Paraíba.

As companhias constituíam entidades estatais, isto é, patrocinadas pela Coroa. Nesse sentido, cabia-lhes, através do sistema de frotas, monopolizar todo o comércio com a Paraíba. Esse somente poderia ser exercido pela companhia que se obrigava, no caso paraibano, a adquirir a produção de açúcar, couros, madeira, algodão e peles, comprometendo-se a, em contrapartida, abastecer a capitania de vinhos, azeite, manteiga, tecidos, queijos (denominados “do reino”) e bacalhau. (MELLO, 2002 A. p. 82).

Percebemos que essas companhias que foram criadas para o crescimento do comércio, só fizeram atrasar ainda mais o desenvolvimento da Paraíba, pois ainda conforme Mello (2002A), tanto Pernambuco como Paraíba compravam barato e tinham que vender caro, dessa forma as pessoas não podiam comprar quase nada, tornando-se um ataque contra a própria província. Os juros que eram cobrados pelos empréstimos aos senhores de engenhos eram muito altos, prejudicando dessa forma o desenvolvimento de todos os produtos. “Como consequência, a produção açucareira entrou em colapso, arrastando consigo o comércio”. (MELLO, 2002A, p. 83). Todo esse processo do século

XVIII serviu de base para as lutas políticas e sociais que se desenrolaram tanto na Paraíba como em todo o Nordeste no século XIX e no início do XX.

Na Paraíba do século XIX, o açúcar acabou perdendo espaço nos mercados do mundo, dessa forma conforme Mello (2002A), o desemprego aumentou visto que as novas técnicas agrícolas deixava o mercado de trabalho mais estreito, sendo assim foram surgindo muitos grupos de salteadores que buscavam o dinheiro fácil, a população foi ficando mais empobrecida e sendo mais ainda oprimida por um sistema que em nada lhes beneficiava, visto que se a situação melhorasse, seria para os mais abastecidos de dinheiro e poder.

Conforme Mello (2004), a necessidade de expandir a colonização empurrou o homem para o bioma da caatinga, onde uma nova cultura surgiu, onde o trabalho individual foi substituindo o coletivo. O homem do sertão era mais independente, livre, conhecedor de um solo hostil.

A ausência de empreendimentos de porte, quer pela pobreza do meio físico, quer pela periodicidade imprevisível das secas, determinou a formação de uma economia especial em que a agricultura se limitava às necessidades de sobrevivência, e a pecuária, estimulada pelos anos de chuva, recebia a incumbência de formar o magro patrimônio do sertanejo. Nessa economia, a célula produtiva – a fazenda - não comportava o trabalho massificado, cumprindo a cada um o desenvolvimento de tarefas marcadamente individualistas, autônomas mesmo, quanto aos modos de execução. A disparidade do atuar de cada um, na realização das tarefas pecuárias, condicionou o homem do ciclo do gado, tornando-o – não custa repetir – individualista, autônomo, senhor de sua própria vontade e, sobretudo improvisador. (MELLO, 2004. p. 43).

Podemos perceber pela explanação de Mello, que no sertão, o trabalho foi encontrando um tipo diferenciado de processo. O homem do sertão era livre, dessa forma tendo autonomia para desenvolver suas atividades e construindo para si esse sentimento do viver sua própria vida, do ser valente, independente, não aceitando de muitas formas o sistema vigente daquela época, formas essas que conheceremos mais adiante.

1.2 Meio político e social do sertão paraibano: Oligarquia e poder.

O sistema vigente em todo o Nordeste e na Paraíba, que se constituía com muitas terras nas mãos de poucos, foi o maior causador para o desenvolvimento de

uma forma de mandonismo local e das grandes crises existentes em todo o século XIX e no princípio do XX, estamos falando do domínio das Oligarquias¹.

Segundo Mello (2002A), a abolição da Escravidão e a República que aconteceram ainda no século XIX, foram cruciais para o rumo que a Paraíba iria tomar no início do século XX. Essa mudança tanto social como econômica modificou a vida de todo o país e do Nordeste, e trouxe a tona todo um momento de revoltas e suas consequências para a população. Nessa primeira república que foi de 1889 a 1930, um dos fatores mais marcantes foi o aparecimento das Oligarquias.

“O fenômeno de imediata observação para quem procura conhecer a vida política do interior do Brasil é o malsinado² “coronelismo””. (LEAL, 1997. p. 39). Dessa forma percebemos que para adentrarmos ao interior e conhecer as raízes do coronelismo faz-se necessário entendermos a vida política que modificou o ambiente daquela região por um determinado tempo.

Conforme Fausto (2006), o coronelismo é conhecido como uma forma de poder político especificamente do Brasil e que se desenvolveu de forma mais específica durante a Primeira República, mas que já vinha sendo desenvolvida durante o Império. Para a grande surpresa de muitos, esse sistema continuou e ganhou forças mais ainda com o desenrolar da política, muitos continuaram sendo comandados pela figura do coronel.

Um “coronel” importante constituía assim uma espécie de elemento socioeconômico polarizador, que servia de ponto de referência para se conhecer a distribuição dos indivíduos no espaço social, fossem estes seus pares ou seus inferiores. Era o elemento-chave para se saber quais linhas políticas divisórias entre os grupos e subgrupos na estrutura tradicional brasileira. A pergunta “Quem é você?” recebia invariavelmente a resposta: “Sou gente do coronel Fulano.” Essa maneira de redarquir dava imediatamente a quem ouvia as coordenadas necessárias para conhecer o lugar socioeconômico do interlocutor, além de sua posição política. (FAUSTO, 2006.p. 173).

Podemos perceber que o coronel era a figura central desse sistema oligárquico, nele se dividiam as pessoas, em gente sua ou não. Compreendemos também que dada à resposta sou gente do coronel fulano, podia-se perceber o lugar que ocupava aquele indivíduo na sociedade e em que sistema político ele estava abrigado. Dessa forma

¹Significado de Oligarquia- Governo em que o poder é exercido por um grupo restrito de pessoas, geralmente, do mesmo partido, família, classe etc. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/oligarquia/>

²Significado de Malsinado - Malsinado vem do verbo malsinar. O mesmo que: caluniado, censurado, condenado, delatado, desvirtuado. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/malsinado/>

vemos o quão importante era afirmar a qual coronel a pessoa estava sujeita porque assim ficava-se sabendo se estava sendo oposição ou situação.

Conforme Mello (2002A), o sistema oligárquico só fazia sentido se concentrado nas mãos de poucas pessoas de uma mesma família. A família do coronel que estava no poder.

A montagem do sistema oligárquico teve origem nessa circunstância. Por meio dele, grupo restrito, tradicionalista e de base agrária, escorado no poder de umas poucas famílias, dominantes em seus municípios, apropriou-se do aparelho de estado e dos poderes representativos deste – Executivo, Legislativo e Judiciário, agora teoricamente autônomos. (MELLO, 2002A. p. 143).

Dessa forma podemos perceber que grande foi à autoridade dada de forma espontânea aos chefes locais; esse poder oligárquico conforme Mello (2002A) foi dado por Constituições preparadas para isso. Com esse novo sistema sendo implantado, nada mais comum que modificasse significativamente a vida de todos ao redor, pois o coronel iria mandar e desmandar da forma que quisesse em determinada região, visto que possuía apoio do governo do estado e de deputados que na realidade tinha sido eleito por votos conseguidos por aquele determinado chefe local. Com tanto poder em mãos, os coronéis podiam indicar de forma significativa pessoas de sua família e amigos para ocupar cargos importantes, visto manter o poder político da região em suas mãos.

Segundo Leal (1997), o coronel vai representar a liderança da localidade. Dessa maneira vai conseguir comandar de forma significativa a vida de uma considerável parcela da sociedade, angariando para si o famoso voto de cabresto. Quanto mais votos teria um coronel maior seu prestígio político, porque ele representa o poder, o senhor de terras, o homem rico.

Dentro da esfera própria de influência, o “coronel” como que resume em sua pessoa, sem substituí-las, importantes instituições sociais. Exerce, por exemplo, uma ampla jurisdição sobre seus dependentes, compondo rixas e desavenças e proferindo, às vezes, verdadeiros arbitramentos, que os interessados respeitam. Também se enfeixam em suas mãos, com ou sem caráter oficial, extensas funções policiais, de que freqüentemente se desincumbe com a sua pura ascendência social, mas que eventualmente pode tornar efetivas com o auxílio de empregados, agregados ou capangas. (LEAL, 1997 p. 42).

Podemos compreender que o coronel possuía o poder da região em suas mãos visto que todos os cargos mais importantes da sociedade estavam ao seu alcance,

gerando dessa forma, revoltas nos mais pobres e necessitados e naqueles que não eram de seu reduto eleitoral.

Na Paraíba, a República dos coronéis foi conhecedora de três tipos de oligarquias. A primeira delas foi a de Venâncio Neiva (1889-1891), a segunda foi a de Álvaro Machado (1892-1912) e por último a de Epitácio Pessoa que conforme Mello (2002A) instalou-se entre os anos de 1912 ou 1915 até 1930 ou 1928. O primeiro tipo de oligarquia segundo Mello (2002A) foi organizada como realmente ela é, Venâncio Neiva foi um verdadeiro oligarca, elegeu muitos deputados, criou e colocou somente os seus em todos os cargos importantes da sociedade. Álvaro Machado foi responsável por desmanchar o venancismo e prosseguiu com o coronelismo de forma forte por seus vinte anos. O epitacismo foi responsável por fazer o setor público o mais importante possível, sendo investido nele toda uma força de base do governo para que seu crescimento se desse de forma rápida e prática. Em todas essas oligarquias os inimigos políticos foram sempre esquecidos, deixados de lado.

Nesse momento da República Velha, começaram a surgir na Paraíba movimentos sociais importantes para a história. Com o aparecimento da República muitos conceitos anteriormente irrefutáveis começaram a mudar. Segundo Mello (2002A), o laicismo foi a separação da Igreja do Estado, dessa forma dando novos rumos à sociedade da época, visto que pontos importantes como a educação onde a Igreja se fazia sempre presente foi apresentada de forma livre a partir daquele momento; secularização dos bens da igreja, dos cemitérios, destruição de templos, nesses e em outros pontos a Igreja voltou-se contra a República.

Préstitos e celebrações religiosas ainda conservavam a antiga imponência, mas a Igreja, intuindo o advento dos novos tempos, reagiu, condenando a maioria daquelas diversões que, na Paraíba, se consolidariam pelos anos vinte. Para periodistas católicos, o progresso social tornava-se *perigoso*, porque implicava no afrouxamento dos antigos laços de controle patriarcal. (MELLO, 2002A. p. 154).

Embora a Igreja insistisse em seus antigos laços patriarcais, os novos tempos foram surgindo e dando novo rumo, novas diversões à vida das pessoas, Mello (2002A) vai chamar esse processo pelo qual passou a Igreja de situações sociais, porque os problemas sociais viriam depois com o advento do cangaço, processo esse que veremos mais adiante.

Dentro desse contexto de poder nas mãos de poucos, de uma Paraíba empobrecida e quase sem recursos econômicos, os mais pobres eram os que mais sofriam, essas pessoas se viam encarceradas por um sistema opressor, onde a figura do coronel controlava de forma significativa a sociedade.

Dessa forma podemos compreender que o sistema político e social comandado pela figura do coronel, que estava em poder na Paraíba, foi um dos grandes responsáveis pelo desenvolvimento das grandes revoltas que ali aconteceram, visto que a população já vinha sendo oprimida desde os primeiros séculos da colonização. O coronelismo foi essa forma de mandonismo local, onde os coronéis que estavam nos governos federal, estadual e municipal mandavam e desmandavam na sociedade, em especial a sertaneja.

1.3 Trabalhadores: meeiros terceiros, arrendatários: Sistema de exploração.

UMA SERIE DE CRISES – DE ORDEM econômica, ideológica, de autoridade – expressas em rebeliões espalhadas em vastas áreas do interior do Brasil, abrangendo muitos milhares de habitantes do campo, é a característica principal do período de transição que compreende o último quartel do século XIX e o primeiro desde século em nosso País. (FACÓ, 1972. p. 07).

Começamos este tópico, já com as palavras do autor nos falando de uma serie de crises que ocorreram no Brasil nesse período de mudança do século XIX para o início do XX, transformações essas que foram cruciais para a história desse povo sofrido e maltrato do sertão brasileiro.

Essas crises foram marcadas pela revolta de milhares de pessoas, homens e mulheres do campo que se viam explorados pelo sistema vigente, pela falta de estrutura numa sociedade onde só quem tinha muitas riquezas vivia de uma forma mais digna. Essas crises se denominaram de varias formas, fosse na fé ou mesmo para se pegar em armas. Vamos entender um pouco de como era o sertão e como os trabalhadores viviam e se ocupavam num lugar atrasado economicamente e socialmente.

Conforme Facó (1972), o monopólio da terra foi responsável por todo o atraso da região Nordeste. Quando da segunda metade do século XIX, o Nordeste que já era

uma região pobre viu sua mão de obra, seus trabalhadores saírem e irem à busca de algo melhor na região sul, tudo de forma muito clara se agravou. “O Nordeste, com seus arraigados remanescentes feudais e acentuada debilidade técnica, foi perdendo terreno em todos os domínios”. (FACÓ, 1972. p 09). Para Facó, o Nordeste vivia um sistema feudal com atrasos técnicos que dificultavam a vida da região e dos trabalhadores, levando-os a abandonarem ou se revoltarem contra o sistema que os rodeava; o senhor de grandes terras e o pobre o semi-servo, que não possuía terra alguma.

Segundo Facó (1972), os grandes latifundiários conviveram ao lado da burguesia comercial e industrial por um longo tempo, ambas eram débeis e não conseguiam sustentar o trabalhador no sentido de fazê-lo ficar na terra natal, mas precisamente no Nordeste atrasado e com poucas chances de uma vida digna, onde o sustento fosse suficiente para a família, resultado esse das forças produtivas que não tinham base suficiente para sair de seu lugar de inercia. Um grande atraso ao pleno desenvolvimento do país foi o trabalho escravo que perdurou até o final da segunda metade do século XIX.

O monopolizar a terra foi o causador das grandes revoltas, da opressão do pobre trabalhador, pois vemos que isso afetava de forma absurda sua vida.

Como é que se exige que esses infelizes [os agregados, gente pobre, foreiros] plantem se eles não têm certeza de colha? Que incentivo existe que os induza a beneficiar um terreno, do qual podem ser despojados de um instante para o outro? Nas terras dos grandes proprietários, eles não gozam de direito algum político, porque não tem opinião livre; para eles o grande proprietário é a polícia, os tribunais, a administração, numa palavra, tudo; e afora o direito e a possibilidade de os deixarem, a sorte desses infelizes em nada difere da dos servos da Idade Média. (FACÓ (1972), p. 13, *apud* FREYRE, 1937. págs. 248-249).

Podemos perceber que esses pobres trabalhadores não tinham a certeza da colheita, nem sequer tinha terras suas para poderem plantar, não tinham direitos políticos, dessa forma não tinham nada que os deixasse feliz no sistema que os cercava, gerando dessa forma um descontentamento capaz de fazê-los sair do mundo que os cercava e buscar na fé, no cangaço, em outros movimentos e revoltas, um meio mais justo em busca da sobrevivência.

A situação dos pobres do campo no fim do século e mesmo em pleno século XX não se diferenciava daquela de 1856. Era mais do que natural, era legítimo, que esses homens sem terra, sem bens, sem direitos, sem garantias, buscassem uma “saída” nos grupos de cangaceiros, nas seitas dos “fanáticos”,

em torno dos *beatos e conselheiros*, sonhando a conquista de uma vida melhor. E muitas vezes lutando por ela a seu modo, de armas nas mãos. Eram eles o fruto da decadência de um sistema econômico-social que procurava sobreviver a si mesmo. (FACÓ, 1972. p. 13).

Conforme Leal (1997), dentro dessa estrutura social onde os poderosos conhecem o poder, a boa alimentação, a água encanada, a massa humana mais pobre da sociedade vive alheia aos seus direitos, na mais triste pobreza, na ignorância e no abandono pelas forças públicas, porque vive no reduto do coronel, esse homem de poder que os mantém debaixo de suas ordens.

Conforme Facó (1972), com o surgimento das indústrias, linhas ferroviárias, buscava-se mudar a situação do país, que era um lugar essencialmente agrícola voltado somente para o mercado externo.

É verdade que grande parte dessa burguesia industrial nasce umbilicalmente ligada ao latifúndio semifeudal. Mas, até mesmo por instinto de classe, ela reconhecia que, sem se operarem modificações na estrutura agrária, nem que fosse contornando-a ou adaptando-a às novas condições, a industrialização estaria condenada ao malogro, seus objetivos limitados, seu campo de ação reduzido. (FACÓ, 1972. p. 14).

O reconhecimento da burguesia em mudar a estrutura do país, resumiu-se em buscas de riquezas porque estavam interessados em ganhar cada vez mais; importante saber que essa burguesia que lutava por mudanças, foi à parcela mais radical, que atendia suas necessidades e não a do povo. Não estavam preocupados se os pobres trabalhadores necessitavam dessa mudança. Os pobres do campo mal tinham um pedaço de terra para cultivar, visto que a grande propriedade estava concentrada nas mãos dos grandes latifundiários que muitas das vezes não deixavam a terra ser trabalhada por um homem pobre e simples do campo.

As revoltas que aconteceram ao longo da segunda metade do século XIX e no início do XX, veio sendo consequências desse monopólio da terra, da exploração do trabalhador. A insurreição de Canudos segundo Facó (1972) foi resultado dessa insatisfação popular com o sistema em que estavam inseridos, os homens e mulheres buscaram na fé uma vida própria e livre de um sistema opressor.

Dessa forma, o sistema do latifúndio não dava aos trabalhadores meios para uma sobrevivência digna. Trabalhadores esses que no auge do início do século XX não eram mais escravos de um senhor, mas “escravos” de um sistema opressor que os limitava a falta de direitos, de terras para o cultivo, de saúde, alimentação digna.

Diante de tudo isso não é difícil entender porque essas pessoas se revoltaram e marcaram a história do país com suas lutas em busca de melhorias de vida.

1.4 Agravantes da crise social: Secas e o Cangaço.

A região Nordeste sempre sofreu com secas, revoltas, com pessoas que iam em busca de uma vida melhor, visto que não mais suportavam o sistema político social que lhes foi imposto desde a colonização do Brasil. Nessa área do Brasil encontra-se o sertão, terra distante e de costumes próprios. “Essa região tão particular do Nordeste brasileiro tem características geográficas, socioeconômicas, históricas e políticas próprias que não são estranhas à gênese de fenômenos como o cangaço”. (GRUNSPAN-JASMIN, 2006. p. 12).

As secas e o cangaço foram fatores muito agravantes para a crise social que o Nordeste enfrentou na segunda metade do século XIX e no princípio do XX, sabendo-se que o povo enfrentava um sistema opressor, esses outros dois fatores só vieram tornar a vida do nordestino sertanejo mais difícil ainda. Foi especificamente o sertão quem mais sofreu com as grandes estiagens que fazia padecer a todos, homens e animais:

Sertão quer dizer grande deserto (“desertão”) no sentido próprio e no sentido figurado, mas também terras interiores. O termo *sertão* é tão pouco preciso que alguns dicionários o definem como “terra longínqua”. Durante muito tempo seus limites territoriais foram pouco claros; o sertão se definia primeiro como uma zona “interior”, e depois passou a ser visto negativamente como o duplo invertido da região litorânea do Nordeste: zona árida, pouco povoada, assolada pela miséria e pela seca, exposta à violência, ao banditismo, à injustiça, ao fanatismo religioso – um outro mundo, com outros códigos, sem meios de comunicação, isolado da civilização. (GRUNSPAN-JASMIN, 2006. p. 12).

Vemos, portanto que o sertão foi por muito tempo um lugar pouco conhecido, pouco estruturado, mesmo seus habitantes não o conheciam direito. Foi exatamente nesse sertão que as secas e o banditismo vieram desestruturar ainda mais a sociedade trazendo mortes e gerando revoltas na população que lá vivia.

“Apesar das contradições climáticas, a vida no sertão fora relativamente satisfatória até fins do século XIX, nos anos em que as chuvas eram regulares”. (QUEIROZ, 1997. p. 18). Podemos ver que mesmo o sertão sendo no século XIX um

lugar ainda pouco estruturado e com um clima regular, a vida estava aparentemente tranquila enquanto as chuvas caíam com regularidade. Ainda segundo Queiroz (1997), os homens mais abastados possuíam seu gado, iam e viam para a sede quando necessário possuíam suas próprias terras, até o momento em que as chuvas tornaram-se escassas e a fome tomou conta da região.

Grandes números de secas assolaram a região Nordeste ao longo dos séculos, mas somente uma chamou tanto a atenção da sociedade da época e posteriormente; estamos falando da seca de 1877-1879. Rosimeire Pereira da Silva em sua monografia intitulada “Morte e Seca: A cidade de São João do Rio do Peixe (PB) durante a estiagem de 1877-1879” (2012) nos diz que essa grande seca ficou conhecida porque afetou de modo significativo a vida das pessoas, não que as outras não tivessem feito o mesmo, mas essa se diferenciou por “[...] discursos populares-políticos em que havia a concorrência do poder regional/local, e através disso construíram um discurso caracterizando a seca de 1877/79 como a de maior ocorrência na região Nordeste”. (SILVA, 2012. p. 20).

Vemos que a seca de 1877-1879 marcou de forma significativa porque afetou de forma direta o cotidiano local e as forças públicas, além dos produtos de subsistência, visto que quando a estiagem aparece ela vem para todos, ricos e pobres, mesmo que quem mais padeça sejam os cidadãos pobres. Ainda conforme Silva (2012) existiu secas maiores e que não ficaram tão conhecidas como essa.

A Paraíba não era diferente dos outros estados com relação à terra, população e clima, aqui as grandes estiagens, incluindo essa de 1877-1879, atingiram de forma significativa a vida das pessoas. “Por modesto que fosse o seu território, a Paraíba ocupava o centro geográfico da região”. (LEWIN, 1993. p. 33). Ainda conforme Lewin (1993), a população desse estado estava presente nos acontecimentos da história regional.

O clima era outra variável crucial que continha as sementes tanto do conflito como da cooperação. Se a topografia moldava os destinos econômicos e políticos de um município, depois dela era a chuva o determinante mais crítico de sua sorte. (LEWIN, 1993. p. 43).

Vemos, portanto na citação a tamanha importância da chuva para um município ou mesmo a região; a mesma era determinante para o bom desenvolvimento

do comércio, das indústrias, do bem estar social como um todo, e a falta delas só ocasionariam problemas marcantes para a região, sendo um deles, o cangaço.

Denominado pela historiografia clássica como banditismo o movimento social de homens armados em luta pelos sertões do Nordeste foi um fator marcante desde a colonização, visto que naquele momento já existiam homens que comandavam grupos armados. Dentro desse contexto foi aparecendo o cangaço.

O cangaço, em sua raiz de insurgência nômade, grupal e autônoma – é dizer, de chefia situada dentro do próprio bando – mostra-se tão velho quanto a própria colonização brasileira, as suas desordens remontando ao período das capitanias, fenômeno de origem litorânea que é, sem que dispusesse, nesses primórdios junto ao mar, do nome por que ficaria conhecido e que só viria a receber no sertão, quando para ali vai sendo enxotado pelo sucesso da colonização na faixa verde. (MELLO, 2012B. p. 44).

Podemos perceber que o cangaço foi se desenvolvendo ao longo da história do Nordeste, e como foi sendo vencido na zona litorânea pelo contingente da colonização, veio se encaminhando para o sertão que estava mais sujeito historicamente a manter esse fenômeno em suas terras devido a grande liberdade do homem nômade sertanejo, da violência desse homem e dos grandes períodos de estiagem. Dessa forma, convido o leitor a compreender no capítulo seguinte, como o cangaço foi abordado pela historiografia e como a mesma nos possibilitou tomar conhecimento de como se desenvolveu no Nordeste e na Paraíba no final do século XIX e no início do XX um movimento armado que alterou a ordem social vigente e chamou a atenção de todos os brasileiros com suas “ilustres” figuras e suas experiências no cotidiano de vida e de luta armada nos sertões nordestinos.

CAPITULO II: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DO CANGAÇO

2.1. O cangaço no sertão nordestino.

Os sertões do nordeste sempre conheceram a violência como uma forma marcante da vida de seus habitantes, tanto no momento da conquista dessas terras como posteriormente. Como vemos dizendo essa violência é o ingrediente de uma sociedade de base econômica injusta, de uma concentração de poder nas mãos dos proprietários. No final do século XIX e início do século XX não era diferente. Aqui durante a Primeira República o Nordeste viu intensificarem-se em suas terras, fenômenos sociais mais preponderantes que mudariam o rumo da vida dos habitantes daquela região. Um desses fenômenos, ou como chama a historiografia, movimentos sociais mais conhecido e estudado é o cangaço. Sobre o seu surgimento ninguém sabe ao certo como esse fenômeno nasceu; se sabe certamente que modificou a vida de muitos sertanejos.

O cangaço como todos os movimentos sociais teve fatores marcantes para que ocorresse. Começamos então conhecendo um pouco dessas terras sertanejas. O sertão nordestino essa fração de terra distante do litoral, onde os homens podiam de certa forma criar suas próprias leis, já que estavam muitos afastados do poder maior que estava localizado no litoral do estado.

Os habitantes do sertão eram pessoas sofridas, castigadas pelo ambiente que em viviam, visto que as grandes secas assolavam a região. O poder nas mãos de poucos também prejudicava a vida nessas terras, visto que as disputas políticas geravam violência e medo. Alguns desses habitantes procuraram refúgio no cangaceirismo. Vamos compreender quem eram essas pessoas que se entregavam ao cangaço de forma a viver uma vida fora da lei, que enfrentavam a caatinga sem medo, pois conheciam o lugar onde viviam.

A gente que viveu a saga do cangaço teve origem na sociedade sertaneja, com características físicas e culturais bem conhecidas. Resultou dos cruzamentos entre brancos e índios nos amplos espaços das pioneiras fazendas de gado, produzindo caboclos resistentes às dificuldades oferecidas pelo meio ambiente, de grande mobilidade e capacidade de improvisar soluções, corajosos e afeitos ao manejo das armas, com o espírito de liberdade e independência dos que vivem isolados e contemplam paisagens desmedidas. Em suma, características próprias das sociedades criadoras, do ciclo do gado. (PAIVA, 2004. p. 13).

Conforme nos informa o autor, o povo do cangaço eram pessoas valentes, que resistiam a todo tipo de adversidade e que não tinham, ou não expressavam, medo de enfrentarem clima de adversidades, dessa forma mostrando-se forte diante de um ambiente cheio de armadilhas.

Conforme nos diz Mello (2004), existiram modalidades de cangaço, pois não se constituía igual todas as formas de cangaceirismo praticados por chefes diferentes. Nem todos os cangaceiros praticaram o mesmo tipo de cangaço, já que havia motivações e interesses diferenciados.

Sobre os líderes do cangaço a historiografia registra o nome de vários e para cada apresenta algum tipo de motivação para a entrada nessa vida fora da lei. Segundo MELLO, “São em número de três essas formas básicas: O cangaço-meio de vida; o cangaço de vingança e o cangaço-refugio, tal como as intitulamos no estudo citado”, (2004, p. 89). Ainda conforme Mello (2004), o primeiro tipo, *o cangaço meio-de-vida* foi praticado por Antônio Silvino e por uma das figuras centrais do cangaço, lampião e seu bando.

O segundo tipo, o cangaço de vingança, teve seus representantes Sinhô Pereira, Jesuíno Brilhante e Luís padre. Este tipo de cangaço visava no seu maior objetivo, o vingar-se por algum motivo de quem lhe tinha feito alguma espécie de maldade. “Foi o cangaço nobre”. (MELLO, 2004. p. 89).

E o terceiro tipo de cangaço o de refugio, foi uma espécie de abrigo para aqueles que fugiam, ou que deviam a lei. Esses sujeitos entravam no cangaço para se esconder de alguma autoridade, ou de alguém que lhes perseguia. Em seu livro *Ecologia do Cangaço*, Paiva nos diz que:

O cangaço representou uma evolução das atividades dos jagunços, quando estes deixavam a direta obediência aos coronéis latifundiários e passavam a agir de forma independente, formando bandos sob rigorosa chefia, muitas vezes a serviço dos fazendeiros e políticos, que lhes compravam proteção ou encomendavam missões a executar. [...] (DIÉGUES, *apud* PAIVA, 2004, p. 01).

Não Podemos dizer que não tenha na trajetória do cangaço esse tipo de situação de que fala o autor fazendo perceber que o cangaço foi se modificando, se antes os indivíduos prestavam serviços aos coronéis, com o passar do tempo foram

criando suas próprias leis e buscando um caminho diferenciado do que praticavam antes, tornaram-se independentes.

É lugar comum entre os estudiosos sobre a temática, que o cangaço foi fruto de uma sociedade patriarcal, onde o poderio dos grandes coronéis dava lugar a revoltas, violência, gerando dessa forma indivíduos que iam em busca de seus direitos, criando seus próprios caminhos, fazendo justiça com as próprias mãos.

Conforme Mello (2012B) o sertão do nordeste foi o palco principal do cangaço porque nessa região, o ser cangaceiro requintou-se tanto quantitativo como qualitativo, visto que nessas terras um dos teores que compunha o cangaço já estava presente: a violência. Sendo assim podemos perceber que:

Fornecendo ao banditismo um nome próprio de sabor regional, um tipo de homem vocacionado à aventura, um meio físico de relevo adequado á ocultação, coberto por malha vegetal não raro impenetrável, e uma cultura francamente receptiva à violência, o sertão não poderia deixar de se converter no palco principal do cangaço. (MELLO, 2012B. p. 45).

São interpretações, pois, que atribuem ao ambiente social, econômico e natural do sertão para o enraizamento do cangaço. É correto dizer que a violência que já existia á tempos nessa região intensificou-se com o surgimento dos bandos de cangaceiros, dando dessa maneira lugar ao temor e ao respeito a esses homens e posteriormente as mulheres que enfrentavam a caatinga e as autoridades numa vida nômade, criando suas próprias leis.

Outro fator, segundo alguns autores, que contribuiu para o aparecimento dos grupos de cangaceiros foi as grandes secas que assolaram a região, criando dessa forma um ambiente hostil e demasiado difícil para seus habitantes, dessa maneira nos diz o autor.

A seca de 1877-1879 ocorreu após mais de trinta anos de chuvas regulares que permitiram ao sertão desenvolver-se de maneira considerável. Três anos de seca bastaram para destruir a vida econômica de uma parte do sertão, provocando a morte de cerca de 300 mil pessoas e forçando milhares de sertanejos a abandonar a região. (GRUNSPAN- JASMIN2006, p. 23).

Podemos perceber que as secas, em especial essa de 1877-1879 acabou por afetar a vida de todos em geral, poderosos e pobres, criando dessa forma uma atmosfera de angustia e ânsia de sobrevivência. Foi nesse momento que os bandos reapareceram com força total.

Mello (2004) vai chamar esse tipo de cangaço de epidêmico, pois nesse momento afetado pelas grandes secas, desorganização social disputa entre as famílias, agitações locais, vai se romper o que ele chama de equilíbrio entre o cangaceiro e a sociedade sertaneja, uma vez que nesse momento todos de uma forma geral vão buscar sua sobrevivência, se antes existia a harmonia, isso agora muda, os homens vão lutando com as armas que tem, seja elas revolveres como os cangaceiros ou com o poder que possuem, sendo esse o caso dos grandes coronéis.

Como nos sugere esses autores, entender o cangaço é compreender a sociedade sertaneja do final do século XIX e início do XX na qual vemos uma população assolada pela miséria e grandes estiagens, envolvida em uma política de mandonismo, com o poder nas mãos de poucos, gerava revolta e busca por justiça. E muitas vezes o caminho principalmente de muitos homens foi fazer justiça com as próprias mãos.

2.2.Lampião e seu bando.

Ao falarmos de cangaço, um nome logo nos vem à mente, o de Virgulino Ferreira da Silva, mais conhecido como Lampião. Lampião é considerado por todos os estudiosos do cangaço como o maior representante desse fenômeno social que movimentou e mudou a vida de milhares de pessoas do sertão nordestino no início do século XX, embora outros já tivessem vindo antes dele, e o cangaço tenha seu princípio no final do século XIX.

Virgulino entra para o cangaço com o intuito de vingar a morte do pai segundo nos faz perceber o livro de Élise Grunspan- Jasmin “Lampião Senhor do Sertão” (2006, p. 79):

A opção de vida de Virgulino e de seus irmãos, portanto, obedeceu à necessidade de vingar a morte do pai, de lavar o sangue com o sangue, de fazer justiça pelas próprias mãos, uma vez que a justiça pública não o faz, de defender não somente sua própria honra mas também a de seus ancestrais. Entrar para o cangaço, nesse sentido, seria submeter-se a certa concepção de heroísmo, a uma obrigação moral, mas também ao método de se fazer respeitar [...].

O autor nos leva a perceber que Virgulino enraizado nas tradições que ora regravam as leis do sertão buscou vingar-se jurando matar quem matou seu pai,

buscando fazer justiça com as próprias mãos, embora em toda sua vida de cangaceiro não tenha se vingado de fato de seus inimigos. O cangaço visto dessa forma foi esse lugar onde os homens mais simples e desprovidos de poder buscavam justiça. Ainda conforme Grunspan - Jasmin (2006), essa sociedade é considerada arcaica onde a lei institucional não prevalecia, dando lugar a lei consuetudinária.

Mello (2004) nos diz que o cangaceirismo em geral foi nutrido pela ideia de vingança, mas que na realidade os mais conhecidos chefes cangaceiros não se pautaram nessa luta e mesmo aqueles que se dedicaram, se destacaram na vida do cangaço, foram movidos pelo gosto: “Surpreendentemente é possível afirmar-se hoje, imagem literária à parte, que os maiores cangaceiros, entendidos estes como os chefes de grupo de maior expressão, gostavam da vida do cangaço” (MELLO, 2004. p. 116).

Virgulino que se tornou Lampião, ao adquirir esse apelido por causa do clarão e rapidez com que manuseava sua arma, foi um dos chefes cangaceiros mais famosos, que encontrou no cangaço, que de certo modo fez desse, o seu meio de vida.

O cangaço-meio de vida foi tipo de banditismo rural de ocorrência freqüente no sertão do Nordeste, especialmente durante o século XIX e primeira metade do XX. Como forma de criminalidade grupal sem finalidades políticas, ideológicas ou mesmo ligadas a sentimentos de família ou clã, apresenta parentesco essencial com manifestações criminais surgidas em quase todas as partes do mundo. Não tendo objetivos além da simples sobrevivência, em caráter imediato, e do ganho material, poder e notoriedade, em segunda perspectiva, os grupos têm a uni-los, não a consecução de ideal coletivo, mas a comunhão eventual e flácida de interesses individuais, sendo freqüentes os engajamentos e as deserções. (MELLO, 2004. p. 171).

Como nos indica esses autores, os praticantes desse tipo de cangaço existiram em todos os tempos e que buscavam essa notoriedade, essa independência sempre tendo o interesse individual para almejar suas conquistas. Assim esse cangaço de notoriedade independente foi praticado por outros chefes cangaceiros, mas teve seu maior representante em lampião e seu bando durante o tempo que o mesmo atuou como cangaceiro pelos sertões do nordeste. Ainda conforme (Mello 2004), esse tipo de banditismo ocorreu mais em tempos onde a desorganização social estava presente, os homens se revoltavam e buscavam meios de conseguir sua sobrevivência.

Aproveitando-se da situação de desorganização social, onde as grandes secas e o poder político de disputas familiares assolavam a região, eis que surge Lampião.

Lampião assumiu o bando no lugar de Sinhô Pereira dessa forma entrando definitivamente para a vida do cangaço e impondo sua vontade tornou-se o chamado senhor do sertão, conhecido, admirado e odiado por muitos.

A gesta do cangaceiro lampião começa então a se desenvolver na literatura de cordel, nas narrativas e na imprensa; Lampião passa do estatuto de pessoa privada ao de personagem pública. (GRUNSPAN- JASMIN, 2006. p. 93).

A fama de Lampião o consagrou de forma absurda na sociedade sertaneja e dessa forma o mesmo foi cercado-se de homens e posteriormente de mulheres que se punham em luta para praticar atrocidades no sertão, vivendo na pele a prática da violência contra muitos sertanejos. Estavam sempre em combate contra a volante, uma espécie de polícia que na prática não era muito diferente do grupo de cangaceiros, visto que praticava as mesmas violências. Seu grupo de cangaceiros cresceu de forma gigantesca ao longo dos anos, muitos tinham no capitão um refúgio para uma vida longe da miséria, cheias de desafios e em busca do dinheiro fácil.

Um momento importante na vida de Lampião e que mudaria o cotidiano do cangaço foi à entrada das mulheres no bando de cangaceiros.

Desde 1929 percebe-se uma mudança radical na estrutura do grupo de Lampião: as mulheres entram para o cangaço, que se organiza em grupos e subgrupos, numa espécie de clãs familiares autônomos sob a direção de lugar-tenentes de Lampião; instaura-se uma nova hierarquia, constituem-se novos laços familiares, a vida torna-se nômade. Ela não se assemelha em nada à vida dos antecessores de Lampião. (GRUNSPAN- JASMIN, 2006. p. 117).

Podemos perceber na citação que grande mudança ocorrera no grupo de lampião desde a entrada dessas mulheres, se nos antecessores de Lampião as mulheres não podiam ingressar no cangaço, este abriu as portas e deu-lhes o lugar de companheiras. A principal e mais famosa delas foi Maria Gomes de Oliveira; foi à primeira mulher a integrar o grupo composto somente por homens. Conhecida como Maria bonita, se tornou a companheira de Lampião até a sua morte em 1938.

Conforme Nadja Claudinale da Costa Claudino em sua Monografia Entre o Punhal e o afeto: Imagens de Maria Bonita na Historiografia e no Cordel 1930/1938, (2013), Maria nutria uma admiração por lampião mesmo sendo casada com seu primo Zé de Neném, um sapateiro. O casal brigava muito e vivia sempre se desentendendo. A mãe de Maria Bonita segundo a historiografia foi quem contou ao cangaceiro o

interesse de sua filha pelo mesmo, e dessa forma no dia de sua partida Maria foi embora com Lampião.

Desde sua entrada, outras mulheres passaram também a ingressar e tomar seu lugar de companheiras.

Depois do ingresso de Maria Déa no cangaço, sabendo que poderia ser perigoso ter uma mulher e não estender aos integrantes de seu bando, decidiu que a partir daquele momento outras mulheres fariam parte do bando, não como cangaceiras (guerreiras) e sim como companheiras, amantes, para servir ao amor [...] (CLAUDINO, 2013, p. 23-24).

Podemos perceber nas palavras do autor, que o direito de ter mulheres se estendeu aos cangaceiros, dessa forma contribuindo ainda mais para o crescimento do bando. Outra suposição advinda dessa entrada das mulheres nos grupos de cangaceiros é a de que eles não eram indiferentes e rejeitados pela população. Seguir um cangaceiro era também seguir um homem forte, valente e com condição de oferecer proteção.

Conforme Nascimento (1998), o bando de lampião crescia a cada dia, pois sua fama se estendia por todo o Nordeste. Ainda conforme o mesmo, o momento sofrido e quase escravista economicamente que vivia os trabalhadores sertanejos, fazia com que muitos desses homens buscassem o cangaço como seu meio de vida, se desvencilhando de sua vida passada e enfrentando dessa forma uma vida pautada na violência. Violência essa que era praticada tanto pelas autoridades que oprimiam o povo pobre tanto moralmente como fisicamente, quando não davam assistência as necessidades básicas de uma população sofrida e maltratada pelas grandes estiagens. E violência essa praticada pelos próprios cangaceiros contra os cidadãos que estavam à mercê na sociedade sertaneja. Dessa forma podemos ver que:

Expressivo era o número de malfeitores na chusma³, chegando mesmo a haver um contingente superior a oitenta cabras. Nunca menos que trinte e cinco, principalmente na fase mais cruel do cangaceirismo que se alastrou até 1926. Dentre os principais que a crônica sobre os fatos e homens do cangaço notabilizou, destacam-se: Antônio, Livino e Ezequiel, irmãos de Lampião; Virgínio, Cristiano Gomes, conhecido por Diabo Louro e que se tornaria o afamado Corisco; e Sabino Barbosa de Melo, o famigerado Sabino Gomes ou Sabino das Abóboras, o mais sanguinário e perverso de todos os bandidos conhecidos. (NASCIMENTO, 1998, p. 29).

³Significado de chusma- Tripulação; Multidão; Grande número de coisas (quantidade). Disponível em: <https://www.dicio.com.br/chusma/>

Das palavras acima Podemos deduzir que o cangaço era envolvente, pois atraia muitos homens, muitos deles na realidade tinham a vingança como intuito de estar ali, a exemplo dos irmãos de lampião que junto com ele, entraram para o cangaço com o objetivo de vingar a morte do pai, mas que ao final de tudo, assim como o seu chefe, foram gostando da vida de cangaceiro criando, cada vez mais, raiz no movimento do cangaço.

Lampião foi considerado muito engenhoso na vida do cangaço, visto que modificou de forma quantitativa e qualitativa a vida de seus cangaceiros, conseguiu juntar grande quantidade de homens e mulheres ao seu redor. Criou um jeito e uma cultura do cangaço através de símbolos e representações para o mesmo. Aos cangaceiros ofereceu roupa adequada para enfrentar a caatinga,

O equipamento de cada cangaceiro era determinado por Lampião. Pesava no máximo 40 quilos e consistia no seguinte: dois embornais, cartucheiras, cantil, prato de alumínio, tudo formando uma só peça ligada ao corpo por uma larga cinta com três carreiras de bala. Afivelada a cinta, o cangaceiro podia correr e pular, sem que nada se desprendesse. Nos embornais uma pequena farmácia: tintura de iodo, sabão aristolino e iodureto de potássio, indispensável para a limpeza dos ferimentos. Além das cartucheiras na cinta, mais duas que cruzam o tórax.(2) Em cada lado da cintura, uma pistola parabelum e um punhal de 78 centímetros de lâmina. Às mãos, um fuzil enfeitado de medalhas (o de Lampião era enfeitado também com libras esterlinas). Lampião era o único a levar uma caneta de pena, um vidro de tinta e um bloco, para os famosos bilhetes, em ultimato, exigindo dinheiro. (ALENCAR, HASSELMANN & NOVAES, 1968, p. 3, *apud* PAIVA, 2004. p. 15).

Os estudos sobre Lampião conforme vemos nas palavras acima atestam o poderio de armas e utensílios que os cangaceiros principalmente do grupo de lampião, possuíam, e como esse suporte foi importante para os mesmos ao longo do tempo que Virgulino estendeu o cangaço pelos sertões do Nordeste.

Lampião dominou o sertão de tal forma que se tornou conhecido em todo o Brasil, usou de imaginação, de inteligência para se apoderar do título de rei do cangaço, já que nenhum outro alcançou tanto tempo no comando de um grupo de ação que marcou de forma significativa a vida de milhares de sertanejos.

FIGURA 01: Lampião, Maria bonita e seu bando



Fonte: Disponível em <https://catracalivre.com.br/sp/agenda/gratis/mostra-reune-fotos-ineditas-de-lampiao-maria-bonita-e-seu-bando/> Acesso em: 07/02/2017

2.3. O cangaço na Paraíba e a Cidade de Sousa

O cangaço esse fenômeno social também esteve presente na Paraíba.

Em sua monografia intitulada História e Memória da trajetória de Chico Pereira no Cangaço na cidade de Nazarezinho-PB (1918-1928), Samara da Silva Andrelino (2015), nos diz que:

Assim como nas outras regiões do Nordeste, a atuação do cangaço na Paraíba alcançou seu auge entre as décadas de dez e trinta, conseqüentemente quando começou o seu declínio. Os grupos de “bandidos” invadiam as cidades, saqueavam o comércio e matavam, ainda mais em momentos e em consequência da intensa seca e da fome que se alastrava por todos os lugares. Os bandidos ameaçavam a todo momento, sendo assim a polícia não conseguia combater a violência, nem garantir a vida do cidadão e da propriedade alheia. (ANDRELINO, 2015, p. 30).

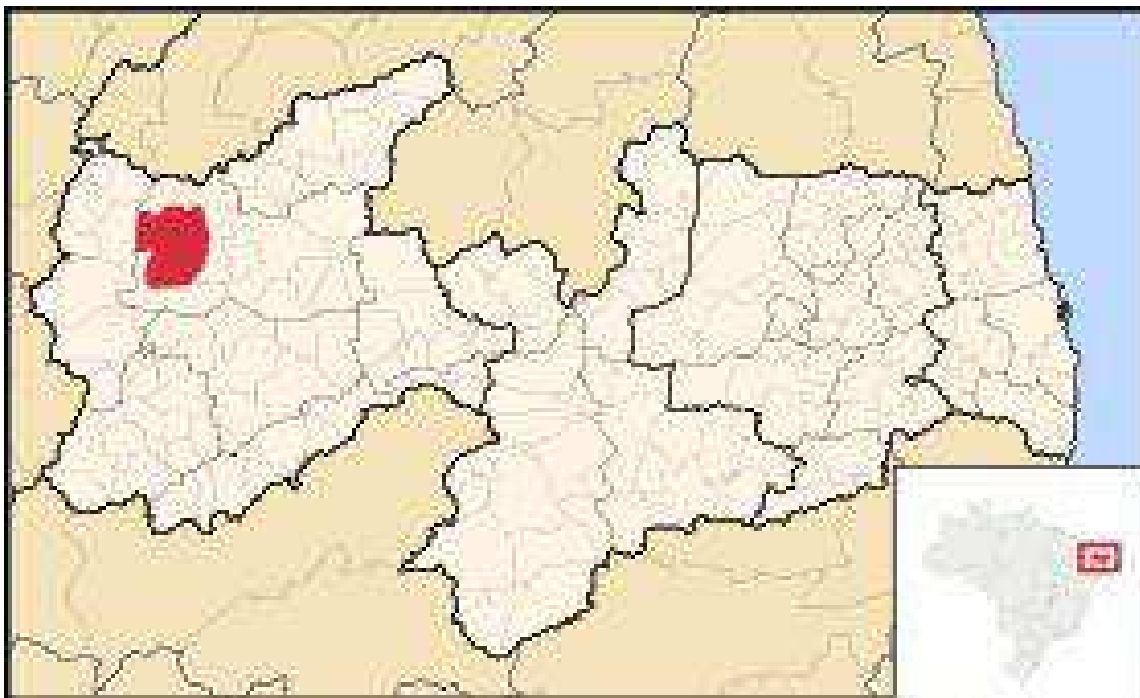
Podemos ver na citação que o povo sofria bastante com o ataque dos cangaceiros, fossem eles do grupo de Lampião ou mesmo aqueles que vieram antes deste. Em todos os momentos da História quando ocorreram as grandes secas, onde a fome e a miséria assolavam a região, a gente do nordeste paraibano padecia, tanto pelas condições do ambiente como pelos ataques a sua integridade física e psíquica.

Segundo Oliveira (2009), o sertão paraibano na década de 1920, era o lugar de concentração e existência de muitos cangaceiros. Estes, e também os chamados jagunços, com os quais muitos se confundiam, encontravam refúgio ou provinham das fazendas dos grandes coronéis, que eram pessoas poderosas e de posses que detinham o poder na região.

Os cangaceiros atuavam muito nas cidades onde encontravam quem lhes desse proteção, armas e mesmo homens. Na Paraíba, tanto Lampião como outros cangaceiros, também tiveram essas pessoas que lhes davam abrigo,

A região compreendida entre as cidades de Teixeira, Sousa, Piancó e Princesa Isabel foi a mais visitada, sendo uma das preferidas por Lampião, quando do início de sua vida no cangaço, nesse tempo contou com a proteção do coronel Zé Pereira, antes do ataque à Sousa. (OLIVEIRA, 2009. p. 51).

Uma cidade ser visitada pelos cangaceiros não a excluía de um possível ataque. As relações estabelecidas entre os cangaceiros e os cidadãos de um determinado lugar dependia de interesses diversos, de acordos e compromissos dinâmicos. Como exemplo dessa situação apresentamos, fazendo deste o nosso objeto de estudo, o ataque promovido pelo bando de Lampião a cidade de Sousa. Mas, antes de adentrarmos nessa história, vamos apresentar a cidade, Sousa no sertão paraibano.

FIGURA 02: Cidade de Sousa- PB

Fonte: <http://www.viagemdeferias.com/joapessoa/paraiba/sousa.php> Acesso em 08/02/2017.

Durante o ciclo das estradas ao sertão bruto, selvagem e inexplorado, o terreno que forma hoje o município de Sousa foi domínio da casa da Torre da Bahia e de Teodósio de Oliveira Ledo, “senhores” dos vales constituídos pelos rios do Peixe e Piranhas. A atual sede do município fica situada em terras da antiga Jardim do Rio do Peixe, que pertencia a Francisco Dias D’Ávila e, depois, por morte deste, a sua mãe, Inácia de Araújo Pereira, que foi doadora da sesmaria que ainda hoje constitui o patrimônio de Nossa Senhora dos Remédios. (OLIVEIRA, 2009. p. 40-41).

Da vontade de dominar o sertão e da doação de uma sesmaria foi se constituindo o território onde hoje se encontra a cidade de Sousa. Conforme Oliveira (2009), a povoação foi elevada para Distrito pela Carta Régia de 22 de julho de 1766.

O Município foi criado pelo Alvará de 2 de março de 1784, e se oficializou a partir de 14 de julho de 1800. Recebeu foros de cidade pela lei Provincial n 28, de 10 de julho de 1854, ao mesmo tempo em que era elevada à condição de comarca. (OLIVEIRA, 2009. p. 41).

Ainda conforme Oliveira (2009), no ano da invasão dos cangaceiros em Sousa, a dita cidade destacava-se como uma das mais importantes e prosperas das terras sertanejas. Muitas pessoas importantes para lá foram e instalaram-se para morar.

Também a escritora Julieta Pordeus Gadelha em seu livro *Antes que Ninguém conte* (1986), nos informa que as terras de Sousa estavam propensas a se destacarem economicamente por sua localização geográfica, seu clima; Sousa era uma cidade considerada rica para a época. A mesma autora nos diz que as indústrias de beneficiamento do algodão chegaram “a partir do ano de 1895[...]” (GADELHA, 1986. p. 138). Ela continua nos dizendo que no ano de 1924, ano da invasão de Lampião e seu bando, chegou à chamada Usina Santa Teresa, acontecendo que antes disso já se instalara outra usina de beneficiamento de algodão.

No ano de 1924, o prefeito de Sousa era João Alvino Gomes de Sá que assumiu o cargo em 1915, que conforme Gadelha (1986) teve um longo período de mandato, e teve que enfrentar o momento crítico da invasão do bando de Lampião.

Conforme Oliveira (2009), os governantes e o povo sousense sabiam que o bando de Lampião iria invadir a cidade, pois notícias e boatos já corriam a solta desde o dia 20 de julho daquele ano.

Assim, Sousa cidade conhecida do sertão paraibano pela sua importância, foi invadida pelos cangaceiros do bando de Lampião, no dia 27 de julho de 1924. Quando nos interessamos em estudar esse acontecimento da história de Sousa fomos levados pelas leituras a formular os seguintes questionamentos: Por que os governantes nada fizeram para impedir o ataque à cidade? Por que a população não acreditou que se tornaria realidade a invasão? Por que a polícia fugiu de forma desesperada? Será que o Estado e a política de mandonismo contribuíram para esse acontecimento? Com base nas pesquisas e aprofundamento das leituras bibliográficas sobre o acontecido e através de depoimentos orais que pretendemos colher, vamos tentar dar respostas assim como contribuir com uma outra abordagem sobre esse capítulo da história da cidade de Sousa que a colocou na mira dos cangaceiros, na pauta das discussões das autoridades, assim como no registro e memória social dos paraibanos e sertanejos sousenses e da região, matéria desse trabalho, nas páginas do próximo capítulo.

CAPITULO 3. ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: REPENSANDO O ATAQUE DAS TROPAS DE LAMPIÃO A CIDADE DE SOUSA PB.

O povo nordestino vivia em constante ameaça: fome, secas abusos e maus tratos dos donos das terras, violências e mortes contantes. Também rondava à vida do povo nordestino o medo dos grupos de cangaceiros que poderiam aparecer a qualquer momento em determinada região, tornando alvos de suas práticas violentas homens e mulheres que tentavam à todo custo se proteger e salvaguardar suas famílias das investidas desses bandos armados. O bando de lampião foi um dos mais temidos em toda a região Nordeste, visto que esse grupo tinha fama de ser cruel em suas investidas contra as pessoas. Fama esta que se fundamentava em um conjunto de narrativas e memórias de experiências dos ataques que vivenciavam o povo sertanejo e nordestino a exemplo do acontecido na cidade de Sousa no ano de 1924. Episódio que nos ocuparemos neste capítulo na tentativa de compreender e narrar parte de sua história.

3.1. Coronéis, Cangaceiros, Vingança: antecedentes do ataque.

O livro *Histórias do Cangaço o saque de Sousa Paraíba (27 de julho de 1924)* que narra a saga do ataque dos cangaceiros do bando de lampião a cidade de Sousa foi escrito em 2009 pelo advogado, poeta e escritor Bismarck Martins de Oliveira, em cuja apresentação diz o autor tem o intuito de contar aquele fato ocorrido no ano de 1924 no alto sertão paraibano. Pretendendo relatar o dia seguinte àquele acontecimento. O autor nos apresenta uma relação de nomes e personagens que tiveram ligações diretas e indiretas para o ocorrido: Virgulino Ferreira da Silva (Lampião), Francisco Pereira Dantas (Chico Pereira), José Pereira de Lima (Coronel Zé Pereira), Antônio e Levino Ferreira (irmãos de Lampião), Antônio Marques da Silva Mariz (líder político da cidade de Sousa), Solon de Lucena (Governador da Paraíba na época), Marçal Diniz (Coronel que acoitou o bando de Lampião no momento do ataque), e Clementino José Furtado, (sargento Quelé, ex cangaceiro de Lampião e naquele momento chefe de volante).

Oliveira (2009) apresenta ainda os aspectos gerais da região nordestina, suas plantas típicas, assim como seu clima e suas grandes estiagens que marcaram de forma significativa a vida de seus habitantes que vêm seus sofrimentos agravados pela fome e desestabilização social. As secas também são apontadas como grandes causadoras do surgimento dos grupos de bandidos. Além das secas, outro fator que marcou de forma profunda a sociedade sertaneja foi o coronelismo, essa forma de poder na qual o senhor proprietário, detinha o poderio da região em suas mãos, comandando politicamente, o meio social e até mesmo a cultura local. Nesse cenário de dificuldades e mando dos proprietários e senhores locais, os habitantes se viam cercados por ameaças de todos os lados.

Sousa no interior da Paraíba era já na década de 1920 uma cidade bastante conhecida em toda a região, seu comércio local marcado pela economia algodoeira: “O patrimônio econômico de Sousa começou a se preparar desde a antiguidade, favorecido pela situação geográfica pelo clima e a fertilidade das terras...” (GADELHA, 1986. p. 138). A economia do algodão foi ajudando a cidade a crescer e se destacar na região; importantes famílias de políticos, coronéis de grande poder ali viviam. Foi nesse lugar de prosperidade, riqueza e poder de alguns de seus moradores, que se deu um dos ataques por cangaceiros de maior repercussão em toda imprensa paraibana e de outros estados, permanecendo na memória e imaginário social do povo por muito tempo até os dias atuais.

Nesse período conforme indicações do livro de Oliveira (2009), com a construção do açude de São Gonçalo pelo Governo do Estado, muitas pessoas entre homens e mulheres foram atraídos pra essa região em busca de trabalho e sobrevivência. Dessa forma para suprir à demanda de viveres para esses cidadãos, estabeleceram-se próximos à construção do açude, lugares de comércios que gerava lucros para seus proprietários; isso logo causou disputas pela soberania de mercado. Dentre essas disputas, destaca o autor, o assassinato do coronel João Pereira em 1922, dono do maior comércio local, como o estopim para o ataque a cidade de Sousa.

No Nordeste do século passado, fazer justiça com as próprias mãos era algo mais do que comum, quando os familiares não viam a justiça agir como deveria, esse foi o caso de Francisco Pereira Dantas, mais conhecido como Chico Pereira, que não se conformando com a morte do pai e vendo um de seus assassinos soltos, resolveu

fazer justiça com as próprias mãos; já que a justiça não deixou Zé Dias, como era conhecido o criminoso, preso por muito tempo. Conforme Oliveira (2009), Chico Pereira matou Zé Dias no ano de 1923 no canteiro de obras do açude de São Gonçalo. Chico Pereira foi absolvido tempos depois de ser julgado pelo Tribunal do Júri, mesmo assim, ainda inconformado com a morte do seu pai, entrou para o cangaço e dessa forma pretendendo vingar-se de inimigos políticos (o Coronel João Rocha e o Dr. Otávio Mariz) planejou o ataque à cidade de Sousa com o auxílio do bando de Lampião.

A partir dessa linha de interpretação eis que da vingança de Chico Pereira contra seus inimigos políticos surge o ataque à cidade, mas será que foi isso mesmo? Vamos dar continuidade à leitura do livro de Oliveira. Para atacar a cidade de Sousa, e ir confrontar-se contra seus inimigos políticos, mas especificamente Coronel João Rocha e o Dr. Otávio Mariz ele, Chico Pereira, precisava da ajuda de Lampião que não veio à cidade, mas enviou seu bando. A vinda desse bando a cidade de Sousa PB revela o quanto os cangaceiros se multiplicaram ao longo do tempo no Nordeste. Assim como revela como tantos homens, encontraram nas armas um meio para sua defesa pessoal, para fazer justiça com as próprias mãos e também amedrontar homens e mulheres através do crime.

Ainda conforme o mesmo Oliveira (2009), Chico Pereira convencera Lampião do grande valor em dinheiro existente nos cofres da cidade de Sousa, dessa forma Lampião que estaria precisando de dinheiro devido ao tempo que ficou em repouso de recuperação, sem muitas conquistas, do pé ferido em combate, ordenou a ida do bando para satisfazer a vingança de Chico Pereira e ganhar sua parte da empreitada. Mesmo Lampião em sua empreitada, fosse ela qual fosse, precisava de ajuda com armas, munições e homens, para isso conforme Oliveira (2009) poderia ter contado, para essa empreitada na cidade de Sousa, com a ajuda do coronel Zé Pereira conhecido senhor de terras, poderoso, líder da cidade de Princesa Isabel e figura central da revolução de Princesa. Zé Pereira aparece, pois como um dos coiteiros de Lampião:

B) De muito, mantinha estreitos laços de amizade com Lampião. Dera-lhe coito inúmeras vezes e muitos de seus homens “estagiavam” no bando do cangaceiro, quando queriam ação ou dinheiro. Mais uma colaboração não seria estranha. Poderia ganhar muito, em dinheiro, especialmente. (OLIVEIRA, 2009. p. 60 - 61).

Ainda conforme Oliveira (2009), cabras de Lampião foram vistos na cidade de Princesa Isabel antes do ataque, sabia-se também que Lampião tinha dinheiro depositado em suas mãos. Diante de todos esses fatores conclui Oliveira (2009) que o dito coronel pôde sim ter participação no ataque, contribuindo com armas e homens enviados à cidade de Sousa mesmo que tenha sido negado pelos adeptos do mesmo. Diante de todos esses fatores, vamos conhecer o que diz o livro de Oliveira sobre o ataque àquela cidade.

3.2. O ataque segundo o livro: Histórias do Cangaço o saque de Sousa Paraíba.

Embora os preparativos para o ataque tivessem sido cercados de algum mistério, a presença do poderoso e numeroso bando de cangaceiros nas cercanias de Sousa deixara de ser segredo desde o dia 20 de julho, quando telegramas aportaram no Palácio da Redenção, na capital paraibana, solicitando reforços policiais para combater a horda assassina que dirigia-se à cidade de Sousa. (OLIVEIRA, 2009). p. 63).

Segundo Oliveira (2009), O presidente do Estado atendeu as preces que vinham de terras sousenses, essas foram feitas pelo então líder local Dr. Antonio Marques da Silva Mariz. A força policial que devia vir a Sousa seria das cidades de Cajazeiras e Pombal. O reforço vindo de Cajazeiras se atrasou e não estava presente no momento do ataque naquela localidade, já o da cidade de Pombal, causou ainda segundo o mesmo autor um dos maiores episódios de covardia que ocorrera na Paraíba, pois a primeira ameaça dos cangaceiros os soldados fugiram escondendo-se na caatinga. Esse esconder-se dos policiais vindos da cidade de Pombal gerou por um bom tempo questionamentos por parte da população, fato esse que vamos procurar comentar e explicar mais adiante. Como narra o autor os boatos sobre a aproximação do bando, alterou a rotina da vida sousense:

Era madrugada de domingo, 27 de julho de 1924 e o dia amanhecia frio e nevoento. A notícia de que o bando de Lampião circulava pela região não deixou muitos habitantes dormirem em paz e na casa do Dr. Otávio Mariz, chefe político local que se encarregara de coordenar a resistência, muitos ficaram reunidos até altas horas, discutindo como poderiam resistir aos cangaceiros e vencidos pelo sono e necessidade de protegerem suas famílias e patrimônio, foram retirando-se pouco a pouco para as suas residências, decidindo por concluírem a elaboração do plano de defesa no dia seguinte, já que duvidavam de que o ataque acontecesse naquele domingo. (OLIVEIRA, 2009. p. 64).

Podemos perceber pela fala do autor que aqueles homens poderosos, autoridades do lugar embora tivessem traçado um plano de defesa, não acreditavam necessariamente que o ataque ocorreria visto que Sousa era uma cidade importante da região pelo seu tamanho e pelo grande número de habitantes que possuía, então dessa forma seria muita ousadia invadi-la. O fato sabido é que mesmo essa cidade sendo considerada importante, o bando de Lampião não se intimidou e partiu para o ataque naquele mesmo dia. Quando do ataque, alguns problemas foram enfrentados pelos sousenses a exemplo de pouca munição, pequeno contingente de soldados, pessoas da própria sociedade que nada fizeram para ajudar na defesa da cidade. Conforme Oliveira (2009), muitos comerciantes e fazendeiros locais se recusaram a ajudar na defesa não fornecendo armas e munição, dessa forma não contribuindo para que ocorresse uma resistência forte por parte da cidade. Para o autor essa questão mostra como *“Este fato, por si só, é prova suficiente de que houve uma facilitação ao ataque de parte da população local, por questões pessoais, familiares e políticas”*. (OLIVEIRA, 2009. p. 65).

Segundo Oliveira por todos os fatores já citados, a cidade ficou sem defesa, deixando assim a população a mercê dos bandidos. Sousa foi invadida bem cedo, ainda pela madrugada e já os cangaceiros tinham cortado os fios do telegrafo e se encaminhando para o centro da cidade. Chico Pereira, na liderança do ataque, mandou recado ao destacamento de polícia para que não oferecessem resistência, *“pois não queriam briga com a polícia”*. (OLIVEIRA, 2009. p. 66). Os poucos soldados que resistiram foram ajudar o líder político local Otávio Mariz em sua luta pra defender a cidade e sua casa:

Por sua vez, o bando, que tinha no comando o cangaceiro Chico Pereira, Sabino Goré e os irmãos de Lampião, Antônio e Levino, além de Sabino, subdividiu-se em várias colunas e atacou com o ímpeto de sempre, tomando de assalto os principais armazéns e casas comerciais, ao mesmo tempo em que pequenos grupos de dois e três cangaceiros arrombavam casas de pessoas proeminentes, ou desafetos pessoais de Chico Pereira, com o objetivo de assaltar, surrar populares e fazer reféns [...] (OLIVEIRA, 2009. p. 66).

O ponto de maior resistência conforme Oliveira (2009) foi no posto dos telégrafos, onde o telegrafista e mais dois homens lutaram heroicamente até não terem mais munição, fugindo assim para o matagal pra preservar suas vidas. Na casa do Dr. Otávio Mariz, o foco de resistência, também logo desistiu, fugindo todos para que

também pudessem viver. Em meio a tamanha desproteção, à cidade ficou à mercê dos cangaceiros que agiam conforme suas vontades para com os habitantes e comércios locais levando muitos dos pertences de homens e mulheres, além da violência contra à integridade física e psicológica de muitos homens e mulheres.

Um dos episódios mais marcantes da ação dos atacantes contra à população conforme Oliveira (2009) aconteceu com o juiz de direito da época, Dr. Arquimedes Souto Maior. Como descreve o autor, O Juiz foi arrastado pelas ruas de Sousa, surrado com um chicote de couro cru e não foi morto pela intervenção do próprio Chico Pereira que atendeu ao apelo de um aliado político, o coronel José Gomes. Desse exemplo pelo qual passou o magistrado, também passaram outros cidadãos sousenses, sendo retirados de suas casas, tendo suas casas e comércios saqueados. Ainda conforme o autor, Chico Pereira preservou seus aliados políticos, poupando-os dessa forma, suas casas e seus comércios de serem alvos dos ataques. Todavia, o controle e tentativa de manter uma certa ordem às ações, foi ficando impossível, já que em determinada hora, já se encontravam os cabras invasores já bêbados e, por sua vez, arrasando tudo que viam pela frente. Por volta das 3 horas da tarde ainda conforme o autor os bandidos deixaram a cidade mediante conhecimento de que a volante vinda da cidade de Cajazeiras já estava se aproximando para prestar socorro à cidade saqueada.

3.3. Consequências do ataque à cidade de Sousa

Enquanto os atacantes, agora ferozmente perseguidos pelas volantes dos Estados de Pernambuco e Paraíba, que logo acorreram aos brados de socorro que de toda a Paraíba se ouviu, embrenhavam-se pelos matos e serras que existiam entre Sousa e a fronteira de Pernambuco, perdendo nas escaramuças vários dos seus integrantes, o governo paraibano, pressionado pelo grande clamor público que se fez ouvir, começava a exigir resultados das autoridades policiais e que aqueles que tinham alguma ligação com cangaceiros – leia-se Coronel José Pereira de Princesa Isabel – rompessem ligações com os bandidos e assumissem posição de confronto aos mesmos, prendendo-lhes e perseguindo-lhes, sob pena de retaliação das autoridades legalistas. (OLIVEIRA, 2009. p. 73).

Percebemos pelo relato de Oliveira, que a perseguição que já era ferozmente aplicada aos cangaceiros se acentuou devido ao ataque a cidade de Sousa. Mas algo atingiu de forma surpreendente os coronéis, a proibição de não mais manter relações com os cangaceiros; o governo do Estado não desejava mais que isso ocorresse.

Oliveira (2009) nos mostra em seu livro que a imprensa nordestina e também a nacional deu ênfase ao ataque a cidade de Sousa mesmo que não tivesse sido no dia seguinte ao ataque. “A imprensa paraibana, como de resto de todo o país, ocupada em narrar o desenrolar da Revolução Constitucionalista, [...], só veio divulgar o ataque no dia 29, terça-feira, [...]”. (OLIVEIRA, 2009. p. 73). Nessa matéria, é narrado que houve resistência, mas que foram vencidos mostra também que o governo buscou contornar a situação mandando homens para o enfrentamento, mas que não houve resultados.

Oliveira (2009) nos informa que o Dr. Antônio Marques da Silva Mariz pediu ajuda ao presidente do estado devido ao ataque à cidade de Sousa, além dele outros, como coronéis e deputados, dentre eles estavam o coronel José Pereira, de Princesa Isabel, Dr. Arquimedes Souto Maior, da cidade de Sousa, deputado Cyrillo de Sá, de São João do Rio do Peixe, dentre outros. Na cidade de Sousa o clima era de tensão devido aos últimos acontecimentos:

Na cidade de Sousa, por sua vez, o clima era de revolta, dor e vingança. Inimigos políticos se acusavam. Famílias inteiras abandonaram a cidade, lojas foram fechadas e residências dos líderes da oposição, poupadas na sua maioria pelos atacantes, sofreram depredações de habitantes, sob acusação de colaboração com os cangaceiros. (OLIVEIRA, 2009. p. 75).

O clima de revolta imperava na cidade Sousa devido a esse ataque que marcou de forma significativa aquele ano e nos anos subsequentes a vida daquelas pessoas. Mas entre um dos mais acusados de ter ajudando os cangaceiros era o coronel José Gomes de Sá, pois foi em sua casa que o bando comandado por Chico Pereira ficou hospedado enquanto estavam comandando a cidade. “Por isso mesmo, foi acusado de haver participado diretamente do criminoso ataque”. (OLIVEIRA, 2009. p. 75). O Coronel temendo por si mesmo e sua família, mudou-se para a cidade da Parahyba como se chamava João Pessoa, embora sob argumentos que nada tiverahaver com o ocorrido, o dito coronel.

O que se seguiu a todo esse acontecimento, ainda conforme Oliveira (2009) foi providencias sendo tomadas pelo então Presidente do Estado, Dr. Solon de Lucena, montando uma comissão para punir e prender os responsáveis pelo assalto, composta dos senhores, Dr, Manuel Victoriano Rodrigues de Paiva então Juiz de Direito da Comarca de Guarabira, Dr. José de Miranda que era promotor público e também o Major Joel Baptista da Fonseca, que era oficial da polícia.

Paralelo a essa comissão estava à solidariedade prestada pelos estados do Ceará, Pernambuco e Rio grande do Norte, através de uma investida coletiva de um efetivo para combater com mais força o bando de Lampião. Todos os efetivos foram disponibilizados para o enfrentamento direto contra o bando. Curiosamente, o coronel José Pereira antes tido por alguns como aliado de Lampião, nesse episódio de enfrentamento aos cangaceiros, pagou civis para que agissem e fossem em busca do bando. Desse modo, o dito coronel preferiu trocar de lado, já que não queria ficar contra a opinião pública que naquele momento estava mais inflamada contra aqueles que davam coito a cangaceiros. Lampião soube da troca de lados do coronel José Pereira e prometeu vingança e destruição para com suas propriedades e a cidade de Princesa Isabel. Houve vários enfrentamentos entre os cangaceiros e as volantes na tentativa de fugirem das redondezas da cidade de Sousa, e conseqüentemente sair da Paraíba.

Oliveira (2009) traz em seu livro, informações transcritas do relatório final apresentado pelo Dr. Manuel Victoriano Rodrigues, presidente da comissão criada pelo governo da Paraíba para apurar de quem tenha sido a responsabilidade do ataque a cidade de Sousa, o dito documento foi apresentado no dia 26 de setembro de 1924. Nele foram ouvidas testemunhas, vítimas, e foram acusados todos os cangaceiros pelo crime ocorrido naquela cidade, dentre os que mais se destacaram estão Francisco Pereira Dantas conhecido como Chico Pereira e os irmãos de Lampião, Levino Ferreira, Antônio Ferreira e os demais cangaceiros que participaram do ataque. No relatório final também constam dados que indicam que pelas 4 horas mais ou menos da madrugada invadiram a cidade e se dividiram em subgrupos para alcançar todos os lugares daquela cidade sertaneja.

No relatório, segundo narrativa do autor, constam informações de que os cangaceiros se dispersaram, atirando para diversas casas, principalmente a do Dr. Arquimedes Souto Maior que era juiz de direito daquela comarca, sendo apontado como seu principal opressor o cangaceiro Severino Alves que era mais conhecido como Paizinho. Segundo informa o autor, levaram o juiz ainda em trajes de dormir até à casa do Major Gadelha, um dos personagens políticos da época, onde lá apareceu o Coronel José Gomes de Sá que conseguiu levar o juiz para longe das mãos dos bandidos. Logo após esse acontecimento, saíram os cangaceiros invadindo casas

comerciais e casas de residências a fim de levarem tudo que podiam de valor e, ao deixar a cidade, intensificaram as ações, saqueando tudo que encontravam pela frente.

Ainda com base no relatório final Oliveira (2009) relata que os exames periciais mostraram que a violência praticada nas casas atingiu o valor de prejuízo sendo superior a cerca de 10: 000\$000 réis. Consta, ainda, que todos os cangaceiros foram considerados culpados pelos atos de violência praticados contra os cidadãos da cidade de Sousa na Paraíba.

Para Oliveira (2009), o ataque à cidade de Sousa trouxe prejuízos ao bando de Lampião, e para o cangaço, pois ecoou por todo o Nordeste uma onda de solidariedade contra toda violência ali praticada. Lampião perdeu um de seus protetores mais abastados, o coronel José Pereira de Princesa Isabel, pois este não mais tratou negócios com Lampião e ainda armou homens para irem à busca de seu bando. Quem comandava essa volante era o sargento Quelé, seu nome de batismo Clementino Fortunato, este era paraibano e ex-integrante do bando de Lampião. Este saiu do grupo do bandoleiro por uma desavença, e tinha uma única função perseguir de forma ferrenha seu antigo chefe.

O governo da Paraíba em busca incessante para mostrar trabalho para seus cidadãos e ouvindo o clamor do povo, armou a polícia de forma que as volantes perseguiram o grupo de Lampião incessantemente em terras paraibanas ou mesmo até em outros estados se ali estivessem:

[...]. Como consequência direta do ataque e de suas repercussões, os Governos dos Estados da Paraíba, Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Norte, uniram-se, assinando um pacto de cooperações entre as forças policiais, de maneira que, pela primeira vez, as volantes que estivessem em perseguição a cangaceiros não precisavam de permissão das autoridades policiais e judiciais de outros Estados para atravessarem suas fronteiras. Com estas medidas, várias vitórias foram conquistadas contra os grupos de cangaceiros, infligindo-lhes várias perdas e impondo-lhes uma perseguição sem tréguas. (OLIVEIRA, 2009. p. 88).

Percebemos pela fala de Oliveira (2009), que para o mesmo, o ataque do bando de Lampião a cidade de Sousa trouxe consequências desastrosas para o cangaço, principalmente para o bando de Lampião, pois este era considerado o rei do Cangaço e assim foi de maneira clara o grupo mais perseguido e odiado pelas volantes que não estavam dispostas a deixar Virgulino triunfar sobre eles e nem sobre os cidadãos nordestinos. Sousa como cidade importante da região sertaneja da Paraíba marcou

dessa forma uma ponte entre os outros Estados quando esses criaram leis de ajuda mútua contra o cangaço, dessa forma tendo total permissão para estarem em territórios que não fossem os seus de origem.

3.4. A política local como Personagens do ataque

Um fator de destaque que não podemos deixar de abordar é a questão da política e de sua influência no ataque. Segundo Oliveira (2009), Sousa cidade em crescimento e com a construção do açude de São Gonçalo, estava em vigor disputas pelo poder comercial, e um antecedente para o ataque foi à morte do Coronel João Pereira que detinha o maior comércio local. Esse fato levou seu filho Chico Pereira a buscar justiça contra aqueles seus inimigos e causadores da morte de seu pai. Para o senhor José Gadelha de Oliveira um dos entrevistados de nossa pesquisa, o ataque foi motivado por política, pois o mesmo nos diz que: *“então o que acontece é que fizeram essa injustiça com a cidade por causa de política”*. Percebemos dessa forma que as disputas de poder estavam sempre ligadas a esse fator marcante de todas as sociedades em todas as épocas.

Ao falar de política não podemos deixar de citar a figura marcante do coronel e suas relações como aquele sujeito detentor de poder e riquezas da época, muitas vezes detinham o poderio da cidade ou região através da política e foi através dessa politicagem que muitas vezes eles mandavam e desmandavam em determinados acontecimentos. Dessa forma Oliveira (2009), nos diz que a política pôde ter sido um fator marcante para o ataque a cidade de Sousa e um dos personagens históricos mais importantes para esse fato foi à ajuda do Coronel Zé Pereira de Princesa Isabel ao bando de Lampião.

Coronel José ou Zé Pereira de Princesa Isabel foi umas das figuras mais importantes da época e representante máximo do poderio dos coronéis. Homem que mandava e desmandava em tudo na região de Princesa e que mantinha uma relação de amizade e interesse com Lampião e seu bando. Conforme Oliveira (2009) há versões de que teria fornecido armas, animais e homens para o ataque a Sousa. Ainda conforme Oliveira (2009), Lampião encontrava-se acoitado em propriedades de parentes da esposa do Coronel Zé Pereira, os mesmos mantinham relação de amizade

tendo o dito cangaceiro Lampião vários contos de réis em suas mãos, além de homens seus estarem junto com o bando algumas vezes. “*Por todos esses antecedentes e indícios, nada impede que, efetivamente, Zé Pereira tenha participado da empreitada, quando pouco, garantindo-lhe apoio logístico, além de armas e munição, as quais tinha de sobra*”. (OLIVEIRA, 2009. p. 61). Conforme palavras do autor são suposições que evidenciam o envolvimento mesmo que indireto do coronel José Pereira ao episódio de ataque a cidade de Sousa-PB.

Todavia, um dos personagens mais marcantes desse acontecimento é a figura de Chico Pereira que teve o pai assassinado por causa de disputas políticas. Em sua monografia intitulada “História e Memória da trajetória de Chico Pereira no Cangaço na cidade de Nazarezinho- PB (1918-1928)” Samara da Silva Andreolino (2015), nos diz que.

Jovem de 21 anos de idade, Francisco Pereira Dantas, comumente conhecido com Chico Pereira, o filho do coronel João Pereira, foi *estimulado pela comunidade* a fazer justiça pela morte de seu pai. Na intenção de vingança, entra no cangaço e não consegue mais sair. (ANDRELINO, 2015. p. 36).

Podemos identificar na citação que Chico Pereira entra para o cangaço com o intuito de vingança e que foi estimulado pelo meio social em que vivia para vingar a morte do pai. Meio social esse do sertão qual os homens eram estimulados por questões de honrar à família, muitas vezes à fazer justiça com as próprias mãos. A vingança de Chico Pereira viria a se concretizar invadindo junto com o bando de Lampião a cidade de Sousa.

Samara Andreolino em sua monografia (2015) continua nos contando como o filho de Chico Pereira mostra essa história em seu livro Vingança Não dando conta de que Chico Pereira entrou para o cangaço depois da morte de seu pai por não ter visto a justiça sendo praticada como deveria. Esse fato, o atormentou de tal forma que o mesmo viu no cangaço o lugar social onde honraria sua família pela morte do patriarca. Assim, ele agira em conformidade e “*Como acontecia na maioria das famílias que tinham pais assassinados, o mesmo levou em conta a vingança de seu pai como questão de honra para família*”. (ANDRELINO, 2015. p. 38).

Conforme Oliveira (2009), Dr. Antonio Marques da Silva Mariz era o líder político da cidade de Sousa, pertencia ao partido de Solon de Lucena que era

governador do Estado. Dr. Antonio Mariz foi responsável por livrar da prisão Zé Dias que foi um dos que matou o pai de Chico Pereira. Outro importante personagem era o Coronel João Rocha que era comerciante e delegado de policia, primo do senhor Otávio Mariz filho de Antônio Mariz. Personagens não menos importantes foram os irmãos de Lampião, Antônio e Livino que contribuíram para todos os acontecimentos durante o ataque.

O ataque à cidade de Sousa contou com outros personagens não menos importantes, mas esses acima foram os principais personagens destacados pela historiografia local do acontecimento dia no ano de 1924 em Sousa no sertão da Paraíba. Esse ataque marcou de forma significativa aquela cidade e sua população de tal modo que ainda hoje permanece ocupando um importante lugar na memória social diante vamos procurar saber como o ataque do bando de Lampião a cidade de Sousa é visto ou sabido nos dias atuais, para tanto usaremos a História Oral.

3.5.. História Oral, uma fonte do saber.

Em seu livro Usos e Abusos da História Oral (2006), Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado, reúnem uma coleção de autores para mostrar a importância da História Oral como mecanismo de decifração e contato com as relações humanas ao longo do tempo ou com a história.

Abordar o fenômeno da oralidade é ver-se defronte e aproximar-se bastante de um aspecto central da vida dos seres humanos: o processo da comunicação, o desenvolvimento da linguagem, a criação de uma parte muito importante da cultura e da esfera simbólica humanas. (LOZANO, 2006. p. 15).⁴

Percebemos pela citação que o comunicar-se é de fundamental importância para todos os seres humanos, e a história está usando cada vez mais em suas análises esse tipo de historicidade, ou lugar de memória, para comunicar-se com a própria história e outras ciências. “A tradição oral foi, então, um objeto de conhecimento constitutivo do *corpus* teórico da antropologia e também um meio de aproximação e

1.LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. “Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína. (Orgs). *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: editora FGV, 2006.

interpretação das culturas abordadas”. (LOZANO, 2006. p. 15) ⁵. A História Oral dessa forma cria um elo com outras ciências para aproximar-se de algo mais simples, mas não menos complexo que é a comunicação, as histórias contadas pelos povos, à interpretação de suas culturas para compor um enredo historiográfico de uma determinada sociedade.

Segundo Lozano (2006), a oralidade ultrapassou esse campo da antropologia e atualmente é objeto de outras disciplinas como é o caso da História. Ainda conforme o autor, a história oral é mais do que técnicas de realização e entrevistas gravadas, ela é antes de tudo, esse espaço de interdisciplinaridades.

Diria que é antes um espaço de contato e influência interdisciplinaridades; sociais, em escalas e níveis locais e regionais; com ênfase nos fenômenos e eventos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos histórico-sociais. Para isso, conta com métodos e técnicas precisas, em que a constituição de fontes e arquivos orais desempenha um papel importante. Dessa forma, a história oral, ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na visão e versão que dimanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais. (LOZANO, 2006. p. 16).⁶

Dessa forma a história oral vai se interessar pela experiência mais íntima do ser humano, suas raízes, suas lutas para se conhecer a história que há por traz de cada comunicação, de um conhecimento adquirido através da fala, do comunicar-se com o outro, dos fatos ocorridos em determinada região.

Alistair Thomson que está presente no livro *Usos e Abusos da História Oral* (2006) nos fala da memória como ferramenta para a História Oral.

Ao situarem a memória simultaneamente como fonte de alternativas e resistências vernaculares ao poder estabelecido e como objeto de manipulação ideológica hegemônica por parte das estruturas do poder cultural e político, os historiadores fizeram muito mais do que simplesmente incorporar a memória à sua coleção de ferramentas, fontes, métodos e abordagens. A própria memória coletiva vem se convertendo cada vez mais em objeto de estudo: ela tem sido entendida, em todas as suas formas e

2.LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. “Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína. (Orgs). *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: editora FGV,2006.

3.LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. “Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína. (Orgs). *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: editora FGV, 2006.

dimensões, como uma dimensão da história com uma história própria que pode ser estudada e explorada. (THOMSON, 2006. p. 77).⁷

Dessa forma, como nos mostram os autores em seus estudos, podemos perceber que a memória pode ser esse fator de conhecimento para a história, ela se tornou objeto de estudo, como todas as outras fontes historiográficas; a memória pode ser explorada para que o conhecimento adquirido através dos fatos possa ser entendido e usado para se chegar ao entendimento que se está buscando. A memória é esse fator que pode nos ajudar a conseguirmos ou outras, respostas necessárias para o trabalho do historiador ou cientista social, e isso acontece mediante as entrevistas feitas com os que se disponibilizaram a falar sobre o ocorrido em suas vidas, em suas experiências, dessa maneira é bom saber que,

A entrevista, como ferramenta da história oral, é uma forma de captação do vivido humano, cuja forma necessita de diversos procedimentos para atingir o objetivo proposto, tais como a disposição do aparelho eletrônico, da disponibilidade para que a conversa com o entrevistado (colaborador) seja dinamizada com fluidez, e que o entrevistador esteja atento às ações emotivas de seu colaborador, como gesto, lágrima, riso, silêncio, pausas, expressões faciais, que fazem parte da entrevista de história oral. (SILVA, *apud*, CAVALCANTE, 2013, pp. 38-39).

Percebemos dessa maneira que a entrevista é de suma importância, pois é através dela que vamos ficar ciente do que os entrevistados sabem a respeito do ocorrido, sempre cuidando o entrevistador, com todos os parâmetros da entrevista. Com base nessa possibilidade de pesquisa vamos buscar nesse capítulo, trabalhar e compreender na abordagem proporcionada pela História, as memórias de dois cidadãos sousenses sobre o fato da invasão do bando de Lampião a cidade de Sousa e vamos fazer uma discussão historiográfica sobre o livro de Oliveira e fala dos entrevistados.

Segundo o livro de Oliveira (2009), os antecedentes do ataque se deram devido a Sousa estar se desenvolvendo como cidade próspera, com um comércio bastante regular que atraía pessoas de outras regiões. Além de que a construção do Açude de São Gonçalo propiciou aos empresários locais disputas pelo comércio naquela região.

4. THOMSON, Alistair. “Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína. (Orgs). *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: editora FGV, 2006.

No calor dessa disputa, depois de violenta luta entre várias pessoas no interior do seu estabelecimento, em 11 de setembro de 1922, foi assassinado o Coronel João Pereira, proprietário do maior comércio local, desafeto político e concorrente comercial do Coronel João Rocha, que além de dono de um comércio concorrente, acumulava o posto de Delegado de Polícia. (OLIVEIRA, 2009. p. 43).

Vemos na fala de Oliveira, que o poder local foi um fator de disputas entre os comerciantes, e que esse acontecimento gerou mortes sendo o do Coronel João Pereira uma das mais importantes. Nesse sentido veremos o que um dos entrevistados e narradores que é Antônio Tobias Estrela, (73 anos, segundo grau incompleto, casado, nascido no distrito de Lagoa dos Estrelas na cidade de Sousa) comerciante de Materiais de construção da cidade de Sousa tem a nos dizer sobre o fato.

Na verdade não foi propriamente o bando de Lampião que veio a Sousa, 1924, antes de Chico Pereira ou seu bando vir a Sousa, eu quero apenas narrar algumas histórias que fizeram [...] com que Chico Pereira viesse a Sousa. Primeiro Doutor Otávio Mariz que era homem político irmão de Zé Mariz que foi até secretário de Estado o homem que teve muito poder político na Paraíba e [...] com a morte do pai de Chico Pereira que se chamava João Pereira e vindo a Sousa um cidadão por nome de Chico Américo, num dia de feira o doutor Otávio que era um homem corajoso que não temia nem a Chico Pereira com seu bando, doutor Otávio deu uma surra muito grande no meio da feira e ele batia nele de chicote e dizia diga a Chico Pereira que ele venha também apanhar, então o pequeno comerciante de Nazarezinho, o senhor conhecido por Chico Américo voltou a Nazaré e nunca mais voltou a Sousa.

Conforme a fala do entrevistado percebemos que Chico Pereira que era filho do coronel assassinado João Pereira, veio a Sousa nitidamente para vingar a morte do pai contra seus opositores, que na fala descrita são políticos locais e homens importantes daquela cidade. O entrevistado cita Chico Américo homem de confiança de Chico Pereira que veio a Sousa e acabou sendo surrado, espancado e humilhado em vias públicas, todos esses fatores nos dão uma ideia de que a invasão a Sousa pode ter sido motivada por vingança. Mas vamos dar continuidade à entrevista do senhor Antônio Tobias.

[...] Então quando Lampião esteve na cidade de São José da Lagoa Tapada e o senhor Chico Américo chamou Chico Pereira pra que ele fosse até São José da Lagoa Tapada procurar Lampião pra entrar em Sousa [...] Chico Pereira vai até São José já a convite de Chico Américo [...] e lá chegando conversou com Lampião. Lampião enviou dois irmãos Livino e Antônio Silvino para que acompanhasse o bando de Chico Pereira ate a cidade de Sousa e chegou no dia 24 de Julho de 1924 e aqui já chegaram atirando e foram ate a casa do Juiz Doutor Arquimedes Solto Maior [...] eles prenderam o juiz na sua casa, levaram nu de cintura pra riba com pés descalços, [...] e lá quando chegou na casa do Coronel Gadelha, o coronel viu aquilo que era uma verdadeira

afronta, os homens tudo armado até os dentes e a esposa dona Dondon que era esposa do senhor coronel Gadelha que era avô de Zé Gadelha, então ela disse eu nunca imaginei que o filho de meu compadre João Pereira fizesse tanto absurdo ai o doutor, senhor coronel Gadelha disse para Chico Pereira ele liberte que solte o homem, solte o homem, esse homem é meu ele disse é a lei dos homens e foi muita luta pra soltar, [...].

Nesse momento da entrevista podemos perceber que a questão da vingança era ao que parece um fator intrínseco na sociedade sertaneja, já que os cangaceiros juntamente com Chico Pereira se encaminharam a casa do Juiz de direito da comarca, para dessa forma mostrar que o mesmo estava à mercê deles e sem o poder social que lhe foi dado. Sobre esse episódio Oliveira (2009), nos diz que o cangaceiro Paizinho foi quem queria vingar-se do juiz, pois o dito cangaceiro tinha sido condenado tempos atrás por ordem do dito magistrado. Continuemos vendo a entrevista de Antônio Tobias Estrela sobre os fatos ainda ocorridos.

[...] depois fizeram toda baderna, pegaram a loja de Ulisses Barros [...] destroçaram os tecidos jogando no meio da rua rasgando doces, latas de doces, queijos pegou um cidadão fez ele comer duas latas de doce, ele vomitando e eles apontando o rifle pra cabeça dele[...] e depois foram embora e ficou essa história marcada na história de Sousa pela essa questão do pai de Chico Pereira sendo assassinado ele prendeu o criminoso assassino de seu pai e foi solto, então Chico Pereira ele não aguentou aquilo fez tamanho absurdo que ficou na história da Paraíba e também na cidade de Sousa.

No relato do senhor Antônio Tobias, os cangaceiros praticaram toda sorte de desordem, para usarmos um termo popular, mostrando que naquele momento a cidade estava em suas mãos e eles podiam fazer o que quisessem tal como revidar situações de humilhação, bagunçar e desorganizar o cotidiano social, demonstrando dessa forma o poder que as armas lhe davam. Também para o dito senhor, Chico Pereira tinha um objetivo que era vingar a morte do pai por isso o ataque à cidade de Sousa. Percebemos também pela fala do mesmo que para ele Chico Pereira tinha um bando de Cangaceiros formados, e que só precisou da ajuda de Lampião. Nesse ponto podemos ver um fator diferenciado da História produzida nos livros, já que não há na principal fonte o livro de Bismarck Oliveira nenhuma referência a esse respeito.

Usando dos artifícios da interlocução, outro entrevistado o senhor José de Abrantes Gadelha, 75 anos, nasceu no dia 17/05/1942, advogado, autor de livros sobre o cangaço, nos conta sobre o dia do ataque a cidade de Sousa:

O assalto de Lampião foi com a ajuda de Chico Pereira [...] esse ataque foi feroz, pernoitaram aqui na cidade, pela manhã invadiram as casas [...] os amigos que aqui moravam como Otávio Mariz que era um dos perseguidos da época [...] fugiu-se, debandou-se em caminho do Lastro, lá prepararam

para rechaçar os bandidos que invadiram a cidade, prepararam dois caminhões, gente a cavalo e partiram de lá pra cá. Quando chegaram no rio do Peixe, houve uma reação na cidade, houve um tiroteio muito intenso, cheio de bala, Manoel Gonçalves foi ferido nas costas.

O senhor José de Abrantes Gadelha já começa nos dizendo que o assalto à cidade de Sousa foi do bando de Lampião sendo apenas ajudado por Chico Pereira, trazendo dessa forma uma discussão interessante que nos faz pensar como se deu realmente esse ataque. Percebemos no relato do senhor José, elementos relativamente novos com relação ao que aconteceu naquele dia na cidade de Sousa, já que na fala do dito advogado, o doutor Otávio Mariz foi um dos homens perseguidos daquela época, sendo contrario dessa forma ao livro de Oliveira e ao senhor Antônio Tobias que o considerou um homem importante e com poder de decisão. Oliveira (2009) nos diz que Chico motivado por vingança procura Lampião ao saber que ele está acoitado na divisa da Paraíba com Pernambuco, com a ajuda do famoso cangaceiro podia finalmente vingar-se dos seus inimigos.

Por ordem judicial Zé Dias, foi solto. Chico Pereira não esperou muito e, durante o mês de outubro de 1923, matou-o no canteiro de obras do açude. Tempos depois, mesmo sendo absolvido pelo Tribunal do Júri, com o argumento de que estava sendo jurado de morte por seus inimigos (o Coronel João Rocha e o Dr. Otávio Mariz), entrou para o cangaço. (OLIVEIRA, 2009. p. 44).

Percebemos na fala de Oliveira (2009) que a justiça não tendo tomado providencias com relação a Zé Dias o solta, Chico Pereira não aguentando tamanha afronta o mata e entra para o cangaço com o intuito de vingar-se de todos aqueles que se opunham contra ele.

Com a promessa de vingança Chico entra em Sousa conforme na fala de José Abrantes Gadelha, e ali estando se depara com conhecidos e amigos de sua família.

[...] os desalmados tinham saído da cidade já ao anoitecer, [...] ele Chico Pereira chegou lá na casa de Nicodemos Gadelha e ele disse Chico nunca pensei que um filho do compadre fizesse uma coisa dessa ele baixou a cabeça e chorou garantiu que ao sair de Sousa mandava entregar tudo, mas por engano essa reação, quando eu falo assim eu fico ate nervoso, porque estou vivenciando as atrocidades de outrora [...] felizmente ninguém morreu.

Percebemos na citação que Chico Pereira quando entra em Sousa se depara com amigos seus, a exemplo de um compadre de seu pai Nicodemos Gadelha o que de certa forma na fala do dito entrevistado parece passar por um momento de

arrependimento já que “... baixou a cabeça e chorou...” dizendo que entregaria ao sair da cidade, tudo que tinham tomado do mesmo.

Quando do ataque à cidade de Sousa conforme o senhor José Abrantes Gadelha, a população era humilde.

A população de Sousa era pobre, humilde, trabalhava na agricultura na criação de gado, criação de carneiro também, plantavam muito algodão e geralmente estavam à mercê do pequeno latifundiário que existia aqui. Como esses homens eram pobres moravam em casas de taipas e muitas vezes não tinham o que comer.

Em outro momento fala á respeito da situação social da cidade e de sua população fazendo menção apenas a importância da cidade como um lugar prospero, onde famílias importantes mantinham casas, mas sabemos que a região do sertão era um lugar pobre. Para o outro interlocutor senhor Antônio Tobias Sousa era a cidade dos Coronéis.

Sousa era a cidade dos coronéis [...] e a população labutava na roça, a cidade muito atrasada, pequena e a população muito pequena, mas mesmo assim a cidade foi se desenvolvendo no decorrer do tempo [...] com os seus coronéis, não tinha energia, era através de candeeiro, às dez horas da noite não tinha condições de ninguém andar na cidade [...].

Percebemos pela fala do senhor Antônio Tobias ao citar a cidade de Sousa como a cidade dos coronéis que esse fator pode ter sido de fato um agravante para o ataque já que tendo muitas lideranças políticas, mais disputas pelo poder haveria, gerando dessa forma revoltas em muitos, mas o motivo que mais aparece como consensual para o ataque a cidade é o fato de tratar-se de um caso de vingança de Chico Pereira contra seus inimigos políticos.

3.6. O ataque à cidade de Sousa: vingança sim, o código de honra do Nordeste.

Muito se tem falado nas narrativas bibliográficas e nas entrevistas sobre Chico Pereira ter sido o causador imediato do ataque à cidade de Sousa no ano de 1924, já que por razões de honra o mesmo teria que fazer justiça com as próprias mãos vingando dessa forma a morte do pai.

A vingança era um dever sagrado. Um dever que filhos herdavam de qualquer pai assassinado. E seria vergonhoso, seria desonra inominável, numa família enlutada pelo homicídio, não aparecer o vingador. O próprio povo ataçava o ódio: ‘você não é homem’. ‘Não há homem na sua família’. ‘Gente mole assim, é melhor vestir saia’. Era assim que se dizia. Ai de quem

não se vingasse. Iria passar a infância ouvindo isso e ver nascer-lhe os bigodes, ainda ouvindo. Iria passar a vida humilhado [...] A obrigação da vingança toca antes de tudo ao mais velho. E o filho mais velho era êle mesmo, Chico. Não havia para onde fugir: Se algum dêles devesse se desgraçar no crime, esta desgraça seria para êle, não para os irmãos (NÓBREGA, 1960. p. 32- 68 *apud* SARMENTO, 2016. p. 71).

Podemos perceber pela citação acima que para o nordestino, a vingança era algo a ser praticado se necessário, quando o próprio povo ataçava para que isso acontecesse era porque estava enraizado na sociedade sertaneja de forma prioritária sendo necessário ser feito a qualquer custo. Chico Pereira dessa forma não teve outro caminho se não vingar a morte do pai para também não ser ridicularizando durante toda a vida, sendo o irmão mais velho, sentiu dessa forma a obrigação de fazer justiça ou vingança com as próprias mãos e seu alvo foi à cidade de Sousa fonte de seus opositores políticos e corresponsáveis pela morte do pai.

Conforme fala de Guerhansberger Tayllow Augusto Sarmiento em sua monografia intitulada “Nas redes das memórias: as múltiplas faces do cangaceiro Chico Pereira” (2016), Pereira Nóbrega, filho de Chico Pereira ao narrar sobre a vida do pai, antes e durante sua passagem pelo cangaço fala que o mesmo pretendia viver uma vida tranquila trabalhando com cal virgem que era seu trabalho, mas, o mesmo foi impulsionado através do meio social a praticar justiça com as próprias mãos.

Conforme a fala de Sarmiento (2016) citando ainda Pereira Nóbrega, Chico Pereira ao juntar-se com outros homens tinha o intuito de fazer justiça já que os mesmos que se juntavam a ele se consideravam injustiçados por algum motivo. “O Chico Pereira escrito pelo seu filho é o justiceiro paraibano”. (SARMENTO, 2016. p. 72). Esse pensamento do cangaceiro justiceiro foi uma versão estudada, a partir da década de 1960.

Essa noção do cangaceiro como um representante da luta contra as injustiças, colocado como *ativista* que pegava em armas contra o flagelo nordestino, foi a imagem que passou a vigorar nos estudos dessa temática, a partir da década de 1960, especialmente a partir das interpretações dos autores marxistas [...]. Isso reforça a ordem discursiva de interpretação do cangaço e dos cangaceiros vivificada na época que a escrita de Pereira Nóbrega estava sendo produzida. (SARMENTO, 2016. p. 73).

Conforme a narrativa historiográfica de Pereira Nóbrega citada por Sarmiento (2016), Chico Pereira se viu perseguido e acuado pelos seus inimigos políticos e todo o processo dessa perseguição foi à invasão a cidade de Sousa.

Diante dessas questões vamos analisar sob a perspectiva de uma narrativa oral a noção de vingança contra seus inimigos políticos na fala do senhor José Gadelha.

No livro *Vingança não*, escrito por padre Pereira filho do Francisco Pereira que é um dos envolvidos figura principal com as discussões que houveram lá em São Gonçalo criou inimizades entre as partes. E essas partes com o tempo tentaram a vingança por isso tem o livro, *vingança não*. A mãe dele não queria que houvesse isso, então se notou que as atrocidades ali ocorridas em Sousa, às injustiças aqui praticadas em decorrência da política entre os barraqueiros de São Gonçalo construção do açude de São Gonçalo, os tarefeiros, aquilo ali tudo criou ciúme entre as partes, Otavio Mariz passava daqui para Marizópolis fazendo chacota, o outro lado não gostava, reagia, e assim por diante, quem for atrás de pegar os pormenores é muito profundo o poço pra poder se conseguir inteiramente a verdade.

Notamos na fala do senhor José Gadelha que para o mesmo, vingar-se foi à maneira encontrada por uma das partes, nesse caso Chico Pereira, o mesmo iria se vingar por causa das inimizades, chacotas e da morte do pai ocorrida em São Gonçalo por disputas políticas e comerciais, já que os tarefeiros estavam ali para vender, alimentar os trabalhadores durante a construção do açude. O ciúme gerado pela política e a morte do coronel, acabou conforme o interlocutor se colocando como as razões que atraíram para a cidade de Sousa as atrocidades que ali ocorreram durante o dia 27 de julho de 1924, já que Chico Pereira trazendo o bando de Lampião pretendia a vingança contra seus inimigos e também honrar o nome da família Pereira, já que não vingar-se seria uma desonra maior para si diante da sociedade sertaneja.

Conforme Sarmiento (2016) em sua fala ao citar o livro *Vingança Não* e seu autor Pereira Nóbrega, Chico Pereira na verdade não foi o autor imediato do ataque, o mentor foi Chico Lopes aquele que levava uma surra de Otávio Mariz no meio da feira na cidade de Sousa. Chico Pereira na verdade viu a possibilidade de vingar a morte do pai já que atacaria aqueles que dificultaram que a justiça fosse feita e tudo isso porque possuíam membros importantes que influenciavam na justiça. Mas claro, essa é a visão que o filho de Chico Pereira desejava passar sobre seu pai. Dessa forma vamos ver o que nos diz Sarmiento.

Para o autor, Chico Pereira assumiu uma postura diferente nesse episódio. Em vez de ir com pensamentos maldosos, teria ficado encarregado de proteger os correligionários da sua família que moravam em Sousa, bem como de controlar a fúria dos cangaceiros que estavam alimentados das mais perversas intenções. Um empreendimento, por meio da escrita, para desvincular as ações de Chico Pereira do resto do bando, pois Pereira Nóbrega reforçava a ideia que o seu pai estava no cangaço não para matar ou roubar, mas para lutar contra as injustiças promovidas pelos seus adversários. Um esforço para apagar as “narrativas malditas” e reescrever com novos significados o corpo de Chico Pereira. (SARMENTO, 2016. p. 75).

É nítido que Pereira Nóbrega queria inocentar o pai das acusações de que fora o mentor do ataque à cidade de Sousa fazendo o mesmo parecer mais o sujeito que iria proteger os seus aliados contra o ataque do bando onde ele mesmo estava infiltrado naquele momento, ou mesmo fazer justiça aos injustiçados e humilhados pelos poderes locais constituídos. Para Pereira Nóbrega Chico Pereira apenas queria fazer justiça quando de fato pegou em armas.

Essa concepção foi mobilizada também para embasar a ideia que Chico Pereira fazia parte desse segmento que apenas lutava contra as ilegalidades políticas e jurídicas daquela sociedade. Colocava esse discurso no presente, lembrando o Chico Pereira justiceiro, incapaz de ir a Sousa com a intenção de saquear e cometer homicídio; proporcionando, assim, que as memórias anteriores sobre as ações desse personagem no episódio do ataque a Sousa fossem secundarizadas ou esquecidas – demarcando a distância dos cangaceiros “ditos” como efetivamente “malditos”. (SARMENTO, 2016. p. 75).

Vemos que o autor de Vingança não citado por Sarmiento (2016) queria passar a ideia de que seu pai fora uma pessoa que lutava por justiça e não um cangaceiro maldoso que entrou na cidade de Sousa para saquear ou mesmo matar pessoas. Que ele, Chico Pereira foi uma vítima por ter o pai assassinado por disputas políticas. Toda essa ideia de um Chico Pereira justiceiro procura se justificar por todas as mazelas pelas quais a sociedade sertaneja enfrentava; então o mesmo vendo as injustiças praticadas saiu em luta por uma sociedade melhor, essa é a imagem passada por seu filho.

Essa busca por “justiça” em que Chico Pereira invade a cidade de Sousa trouxe consequências marcantes para sua vida, perseguição policial e entrada definitiva no cangaço, um homem descrito como cangaceiro vingador; vítima através da visão de seu filho. Vingança ou mesmo procura por justiça, o fato a ser lembrado é que através das narrativas bibliográficas e orais, percebemos que a cidade de Sousa sofreu com o ataque do bando de Lampião, visto que os cangaceiros tinham o poder através das armas e a população estava a mercê deles, da mesma forma que sofriam as violências cotidianas de humilhação e submissão ao poder dos senhores de posse da cidade. mesmo tendo uma defensiva por meios de alguns cidadãos, sendo a maioria deles correligionários dos Mariz principal oposição à família de Chico Pereira. Acompanhando essas narrativas pudemos perceber que Chico Pereira foi colocado como o maior responsável pelo ataque a Sousa devido sua vontade de vingança, todavia, ao nos debruçarmos sobre esse tema, nos aproximando das narrativas

historiográficas e das memórias e relatos orais que nos foram possibilitados, pensamos e vemos que quem mais sofreu com esse fato foi a população inocente da cidade que nada tinha a ver com as disputas políticas de famílias importantes das cidade de Sousa e Nazareth, que mais uma vez tiveram que ficar expostas como vítimas indefesas de ações violentas. São elas, pois e suas memórias que queremos pensar e destacar como contribuição desse trabalho, para fomentar novas questões a serem trabalhadas quando de futuras abordagens do episódio do ataque.

Desse modo, esse trabalho não pretende dar respostas para esse episódio que marcou de forma peculiar a cidade de Sousa na Paraíba naquele dia 27 de Julho de 1924, até porque não conseguiria, nossa intenção é apontar espaço para mais pesquisas sobre o tema e que elas tragam muito mais informações e mais revelações sobre a história e historiografia da cidade de Sousa, do cangaço como tema geral e do próprio acontecimento ou ataque de julho de 1924.

4. CONCLUSÃO

O cangaço como fenômeno social foi marcante na vida daqueles que estiveram direta ou indiretamente vivendo o mesmo, pois modificou de forma singular a vida dos cidadãos tanto culturalmente como socialmente e o ataque à cidade de Sousa na Paraíba não foi diferente disso, pois marcou aquele povo.

A sociedade sertaneja se viu imersa em disputas políticas e atraso social levando dessa forma seus cidadãos a fazer algo por suas próprias vidas independentes se essa forma era correta ou não. Muitos pegaram em armas para enfrentar a situação vivida. A figura do coronel o homem poderoso que mandava e desmandava não agradava a muitos e isso levou a consequências alarmantes para a sociedade que já era pobre por natureza morando longe do litoral, um lugar mais distante e com melhores estruturas sociais. Quando falo que muitos pegaram em armas não quero dessa forma dizer que o cangaço foi uma desculpa de seus membros para pegar em armas e roubar, mas sim dizer que o cidadão de bem desejava uma vida melhor e lutaria por isso até o fim.

Um dos agravantes sociais mais importantes para a vida dos sertanejos foi o aparecimento do cangaço onde homens armados pegavam em armas, saqueavam, matavam, maltratavam e marcavam por fim a vida das pessoas. Outro fator agravante da crise que vivia o sertão eram as constantes estiagens, períodos longos sem chuvas onde a população muitas vezes passava serias necessidades. Muitas pessoas e animais morriam de fome. Uma das estiagens mais famosas no Nordeste foi à seca de 1877-1879, onde as forças públicas se viram afetadas e também os produtos de subsistência.

O cangaço foi se aproveitando desse momento de crise em terras nordestinas em especial a sertaneja para se desenvolver com maior força sendo sabido que essas terras estavam mais propensas a seu desenvolvimento tanto pela distância litorânea como por uma espécie de lei própria, onde os homens resolviam seus desentendimentos através muitas vezes das armas.

O cangaço foi o refúgio de muitos homens e depois mulheres. Os mesmos desejavam fugir da vida de miséria, outros ingressavam por motivos de vingança ou mesmo se tinham uma índole para o crime. O homem sertanejo voltado para a criação do gado e tendo como senhor os coronéis, pegavam também em armas, trabalhavam como jagunços e isso também foi alimentando esse resolver tudo pela arma. Eram

homens corajosos, que tinham que achar uma solução muitas vezes para aquilo que não tinha; eram homens adequados ao meio ambiente hostil em que viviam.

O cangaço achou nesses homens revoltados, humilhados, sofridos um suporte para se desenvolver e assim aconteceu. O cangaço surgiu desde meados da colonização, mas seu ápice foi à segunda metade do século XIX e o início do XX, durante esse período e anteriormente, apareceram vários chefes cangaceiros e grupos famosos, sendo o maior deles o de Lampião conhecido como rei do cangaço. É bom lembrar que nem todos os chefes agiam iguais, eles tiveram diferentes maneiras de cangaço. Conforme nos disse Mello (2004), o cangaço-meio de vida, o cangaço vingança e o cangaço refúgio. A violência que já era uma coisa intrínseca na sociedade sertaneja apenas encontrou nesse fenômeno um suporte maior para se desenvolver.

Lampião foi o cangaceiro mais famoso e conhecido de todos, reinou no sertão por quase vinte anos, onde foi passando foi deixando sua marca de homem violento, que saqueava e matava; Seu nome Virgulino Ferreira da Silva. Entrou para o cangaço conforme apontam todas as bibliografias mais importantes para vingar a morte e ao que parece foi gostando dessa vida e vivendo-a até sua morte. Lampião pareceu seguir as leis do sertão, leis que enxergam na vingança o único meio para se fazer justiça com as próprias mãos.

Lampião modificou o cangaço a seu modo, introduziu nele novas maneiras de roupa, calçado, dança, dentre outros, mas o mais importante deles foi trazer as mulheres para o mesmo. O cangaço que até então era composto somente por homens vê sua forma se modificar com a chegada da figura feminina. Maria bonita sua mulher foi a primeira a vir para esse meio hostil e desconhecido que era o não ter um lugar fixo como moradia além de outras coisas da vida cotidiana. Maria era infeliz em seu casamento conforme consta na bibliografia existente e nutrindo uma admiração por Lampião faz com que isso chegue a seus ouvidos, dessa forma vai viver com ele. Outras mulheres depois dela fizeram o mesmo e entraram também para esse movimento social.

A fama de Lampião pelo sertão nordestino crescia a cada dia, muitos homens buscavam seu bando, tanto foi assim que seu grupo de homens e mulheres era enorme sendo dividido em subgrupos. Ficou conhecido em todo o território brasileiro visto que era ambicioso e vaidoso, gostava de aparecer, de ser falado pelo povo. O cangaço esteve presente em todo o Nordeste e com a Paraíba não foi diferente. O grupo de Lampião e outros grupos também invadiram a mesma, massacrando como sempre

faziam ao entrar em uma cidade, vilarejo ou fazenda. Nessa empreitada seu bando invadiu a cidade de Sousa na Paraíba e isso marcou de forma singular nosso trabalho.

Sousa era uma cidade importante, em desenvolvimento, onde tinha indústrias principalmente de algodão e onde famílias importantes procuravam ter suas casas. Essa cidade em desenvolvimento não imaginava que viria a sofrer um ataque e é nesse momento que entra o tema de nossa monografia. Sousa vivia um momento de efervescência com a construção do açude de São Gonçalo, comércios locais foram colocados à margem do açude para nutrir todas as necessidades dos trabalhadores. O maior comércio era do Coronel João Pereira. Os comércios disputavam as vendas, e um dia por conta dessas disputas o coronel foi assassinado dentro de seu próprio lugar de trabalho. O que o dito coronel não imaginava é que esse fato mudaria para sempre a história de sua família e da cidade de Sousa.

Chico Pereira o filho mais velho do coronel João Pereira busca justiça e entrega um dos assassinos do pai a polícia. O dito assassino passa poucos dias preso, sendo solto por ordem de Antônio Mariz que era inimigo político dos Pereira; isso gera revolta nos membros da família Pereira, sobretudo no filho mais velho do coronel. Dessa forma conforme a bibliografia existente Chico Procura Lampião e juntos tramam a invasão a cidade de Sousa com o objetivo de vingar-se de seus inimigos políticos e causadores da soltura de um dos assassinos. Lampião cede homens de seu bando e assim entram em Sousa no dia 27 de julho de 1924.

A figura de Chico Pereira é a que mais se destaca nesse ataque. A História Oral nos trouxe relatos de dois cidadãos sobre como foi o ataque e como nele estava Chico como principal causador, visto que o mesmo era o único com um motivo “justo” para praticá-lo. Chico Pereira seguiu em sua vida os chamados códigos de honra do sertão onde se praticava a justiça em caso de morte de um familiar com as próprias mãos. Ele quis vingar-se de seus inimigos políticos, daqueles que direta ou indiretamente praticaram o ato de assassinato de seu pai; Chico Pereira quis cumprir e honrar o nome de sua família. A biografia existente aponta meio que indiretamente Chico como grande causador desse ataque, expressa também que o mesmo era cangaceiro e que por isso foi juntar-se ao grupo de Lampião para junto com alguns membros entrar em Sousa e praticar sua vingança. Este trabalho buscou respostas para o ataque a cidade de Sousa, se não respondemos tudo, nos perdoe. Que essa temática continue a nos encantar e que mais trabalhos nos tragam mais resultados.

REFERENCIAS

AMADA, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da História Oral.** (Orgs). – 8º ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ANDRELINO, Samara da Silva. **História e Memória da trajetória de Chico Pereira no Cangaço na cidade de Nazarezinho – PB (1918-1928).** (Monografia) Licenciatura em História. Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2015.

CLAUDINO, Nadja Claudinale da Costa. **Entre o Punhal e o afeto: Imagens de Maria Bonita na Historiografia e no Cordel 1930/1938.** (Monografia) Licenciatura em História. Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2013.

CAVALCANTE, Ionara Pereira. **Nelson Lacerda de Oliveira: Representações da trajetória política de um líder (1947 – 1951).** (Monografia) Licenciatura em História Universidade Federal de Campina Grande, 2013.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

FAUSTO, Boris. **O Brasil Republicano**, v.08: estrutura de poder e economia (1889-1930) / por Fernando Henrique Cardoso... [et e tal]; introdução geral de Sérgio Buarque de Holanda – 8º ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 462p.: il- (História Geral da civilização brasileira; t. 3; v.8).

GADELHA, Julieta Pordeus. **Antes que Ninguém Conte.** A União, 1986.

GRUNSPAN - JASMIN, Élise. **Lampião Senhor do Sertão: Vidas e Mortes de um Cangaceiro;** tradução Maria Celeste Franco Faria Marcondes e Antonio de Pádua Danesi. – São Paulo: Editora de Universidade de São Paulo, 2006.

PAIVA, Melquíades Pinto, **1930 - Ecologia do Cangaço.** Rio de Janeiro: Intenciência, 2004.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, Enxada e Voto: o município e o regime representativo no Brasil.** 3º ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

LEWIN, Linda. **Política e parentela na Paraíba: um estudo de caso da oligarquia de base familiar;** tradução André Villalobos. – Rio de Janeiro: Record, 1993.

MELLO, José Octávio de Arruda. **História da Paraíba.** A União, 2002A.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil.** 2º ed. – São Paulo: A Girafa editora, 2004.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Estrelas de couro: a estética do cangaço.** 2º ed. – São Paulo: Escrituras editora, 2012B.

NASCIMENTO, José Anderson, 1944. **Cangaceiros, coiteiros e volantes.** – São Paulo: Ícone, 1998.

OLIVEIRA, Bismarck Martins de. **Histórias do Cangaço: O Saque de Sousa Paraíba.** PercyLau. Campina Grande, 2009.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **História do Cangaço.** 5° ed. Global, São Paulo, 1997.

SARMENTO, Guerhansberger Tayllow Augusto. **Nas redes das memórias: as múltiplas faces do cangaceiro Chico Pereira.** (Monografia) Licenciatura em História. Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2016.

SILVA, Rosimeire Pereira da. **Morte e seca: A cidade de São João do Rio do Peixe (PB) durante a estiagem de 1877/79.** (Monografia) Licenciatura em História. Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2012.

ANEXOS

ENTREVISTA REALIZADA

Antônio Tobias Estrela

Idade: 73

Data da entrevista:

José de Abrantes Gadelha

Idade: 75 anos

Data da entrevista:

Perguntas:

1. O que o Sr(Sra) sabe sobre o ataque do bando de lampião à cidade de Sousa no ano de 1924?
2. Lembra como era a população da época, como viviam , trabalhavam e moravam?
3. Como ficou sabendo sobre o ataque? Que outras pessoas podem também nos informar sobre esse acontecimento?
4. O que o senhor acha que realmente motivou o ataque do bando de lampião à cidade?
5. Vingança por parte de quem e por quê?
6. Outro motivo? Qual?
7. Sabe alguma coisa sobre como se era a política da época?
8. Qual a sua opinião sobre os cangaceiros e sobre o ataque à cidade de Sousa?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro (a),

- Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa de conclusão de curso intitulada "Entre Memória e História: Repensando o ataque das tropas de Lampião a cidade de Sousa PB no ano de 1924" que tem como objetivo Estudar o ataque dos cangaceiros a cidade de Sousa na Paraíba no dia 27 de Julho de 1924 para compreender como se deu, quais consequências para a população presente naquele acontecimento assim como suas representações na memória social dos dias atuais. Pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista que poderá ser gravada se você concordar.

Garantimos que este estudo possui riscos mínimos, já que não envolve a realização de procedimentos invasivos; mas poderá ocorrer insatisfação do entrevistado em decorrência de abordar os conhecimentos específicos sobre um determinado tema. Nesse caso, o pesquisador estará preparado para intervir sugerindo a suspensão da entrevista, deixando você à vontade para decidir sobre sua participação no estudo posteriormente. Por outro lado, benefícios potenciais decorrerão diante de sua participação tais como: reconhecimento e citação nominal, na pesquisa em curso, contribuição, com o possível legado do trabalho.

As informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Sua participação é voluntária e você poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em artigos científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

Em caso de necessidade de esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através de contato com o orientadora responsável. **Silvana Vieira de Sousa** Orientadora da pesquisa, fone (83) 999177771, E-mail svs_sil@hotmail.com

Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Eu,  tendo sido esclarecido

(a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

Cajazeiras, 14 de Junho de 2018

 Assinatura do (a) participante  Assinatura do (a) pesquisador (a)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro (a),

- Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa de conclusão de curso intitulada "Entre Memória e História: Repensando o ataque das tropas de Lampião a cidade de Sousa PB no ano de 1924 que tem como objetivo Estudar o ataque dos cangaceiros a cidade de Sousa na Paraíba no dia 27 de Julho de 1924 para compreender como se deu, quais consequências para a população presente naquele acontecimento assim como suas representações na memória social dos dias atuais. Pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista que poderá ser gravada se você concordar.

Garantimos que este estudo possui riscos mínimos, já que não envolve a realização de procedimentos invasivos; mas poderá ocorrer insatisfação do entrevistado em decorrência de abordar os conhecimentos específicos sobre um determinado tema. Nesse caso, o pesquisador estará preparado para intervir sugerindo a suspensão da entrevista, deixando você à vontade para decidir sobre sua participação no estudo posteriormente. Por outro lado, benefícios potenciais decorrerão diante de sua participação tais como: reconhecimento e citação nominal, na pesquisa em curso, contribuição, com o possível legado do trabalho.

As informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Sua participação é voluntária e você poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em artigos científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

Em caso de necessidade de esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através de contato com a orientadora responsável, Silvana Vieira de Sousa. Orientadora da pesquisa, fone (83) 999177771. E-mail svv_sil@hotmail.com

Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outra para o arquivo do pesquisador.

Eu *[Assinatura]*, tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

Cajazeiras, ____ de ____ de ____.

[Assinatura]
Assinatura do (a) participante

[Assinatura]
Assinatura do (a) pesquisador (a)